

CADERNOS DE
COMUNICAÇÃO

ALBERONI LEMOS FILHO

O HOMEM DO SUPERMERCADO



TERESINA, MAIO DE 1996

ZODÍACO

ZODÍACO

Editoração Eletrônica,

Livro, Revista, Jornal,

Programação Visual,

Folder, Cartão,

Convite, Cartaz,

Out-Door,

Logomarca, Projetos,

Produções e Eventos.

Av. José dos Santos e Silva, 1471, Sala - 306

Fone/Fax: (086) 223-8583

CEP: 64001-300 - Teresina - PI

CETRAP
NUMERACKS

COMPROMISSO COM O LEITOR

CLAUDIA BELCHIOR CAVALCANTE

Por coincidência ou não do destino, quando o jornalista Kenard Krueel, editor do *Cadernos de Comunicação*, me chamou para realizar este trabalho, mal sabia ele que havia um elo do passado que reforçava a minha empatia pela pesquisa: o fato de Alberoni ter dividido carteiras e mais carteiras de cigarros com meu pai, Helder Feitosa, na calçada da Maternidade São Vicente de Paula enquanto aguardavam meu nascimento.

Embora tivesse tomado conhecimento deste fato já quase na metade da pesquisa, não pude deixar de experimentar um sentimento de familiaridade ao entrar no pequeno cômodo onde o jornalista costumava escrever, rodeado de livros e calhamaços de artigos e reportagens, que permanece intacto até hoje.

Pesquisar sobre Alberoni Lemos Filho representou, para mim, algo mais além do meticuloso exercício de coletar informações acerca de sua trajetória profissional e selecionar textos para compor este *Cadernos*. Ao perscrutar as entrelinhas de seus artigos, reencontrei um estilo considerado por muitos antiquado: o jornalismo comprometido com o leitor.

Arnaldo Albuquerque



Nos seus 28 anos de profissão, Alberoni foi de tudo na redação, de repórter a editor. Criterioso, não perdoava erros de revisão - clamorosos! - diria ele. Se fosse domingo e acontecesse uma notícia, o jornalista não olhava para a data; dizia que havia um senso de dever que o impelia a lançar mão do lápis e anotar tudo.

A obra de Alberoni Lemos Filho é extensa. Para divulgar suas crônicas, seu estilo favorito, seriam necessários dois *Cadernos* deste. Mesmo assim, estão incluídos aqui, textos que abrangem desde a época em que Alberoni assinava com o pseudônimo de Albino Junior até seus

últimos trabalhos, como o romance ainda inédito em livro *O Homem do Supermercado*.

O leitor se deparará com palavras que preservam princípios e valores, escritas para serem lidas mais de uma vez, pois a sua mensagem permanece viva.

Ao lançar este segundo número do *Cadernos de Comunicação* (o primeiro foi com o professor A. Tito Filho), Kenard Krueel procura preservar a memória do nosso jornalismo. Na sua lista já estão incluídos nomes como Vitor Gonçalves Neto, Paulo José Cunha, Coronel Miranda, Nacif Elias, Benoni Alencar, Torquato Neto, M. Paulo Nunes, Pompílio Santos, Roberto John, Paulo de Tarso Moraes, Mário Faustino, Deusdeth Nunes, José Lopes dos Santos, José de Araújo Mesquita, Cunha e Silva, Cineas Santos, Albert Piauí, Arnaldo Albuquerque, Elvira Raulino, Iracema Santos Rocha, Jari Mosil, Jota A., Feitosa Lith, Genésio Araújo, Paulo Moura, dentre outros que terão a sua vez e a sua hora.

Num Estado em que a pesquisa não é o forte, este trabalho merece o nosso incentivo e o nosso louvor. A nossa imprensa é rica, carece apenas ser mais divulgada e preservada.

SUMÁRIO

Entrevista.....	05
Retranca.....	23
Coluna Por Todos.....	27
Minha Pena, Minha Vida.....	31
O Homem do Supermercado.....	35
Depoimentos.....	41
Notícias de Jornais.....	47
Perfil Inacabado de um Jornalista Impossível.....	53

EXPEDIENTE

CADERNOS DE COMUNICAÇÃO

Publicação da Editora Zodíaco

Editor:

Kenard Kruel

Pesquisa e Coordenação Editorial:

Claudia Cavalcante

Programação Visual:

Kenard Kruel

Ilustrações:

**Paulo Moura, Albert Piauhy, Dodó Macedo, Batistinha,
Ruke, Jota A., Arnaldo Albuquerque, Netto, Benedito Reis,
Antônio Costa, Carivaldo Marques e Elias Fontenele**

Digitação:

Glyce C. Feitosa

Arte Finalização:

Fausto Meneses

Revisão:

Valéria Barbosa

Impressão:

Gráfica Santa Clara

Agradecimentos Especiais:

**Cineas Santos, Maria José Lemos, Alberoni Neto,
Ana Zeneide, Geraldo Borges, Paulo Machado, Cazé,
Carlos Said, Pompílio Santos**

ZODÍACO

Av. José dos Santos e Silva, 1471 - Sala 306

CEP: 64001-300 - Teresina - Piauí

Fone/Fax: (086) 223 8583

ESSE CARA NÃO ME É ESTRANHO

CINEAS SANTOS

A primeira vez que ouvi falar de Alberoni Lemos Filho, aí por volta da década de 60, esse nome já soava como uma legenda. Descendente de uma família de jornalistas ilustres, Alberoni era tratado como uma espécie de “menino prodígio” da imprensa piauiense. Conheci-o na redação de *O Estado*, na década de 70, numa situação que me pareceu, no mínimo, constrangedora. O Alberoni havia marcado um encontro com uma cerveja gelada num barzinho que ficava bem próximo do Mercado Central e tinha pressa. O Helder Feitosa, dono do jornal, precisava de um texto de 60 linhas para fechar a “página nobre” e também tinha pressa. O repórter martelava o teclado com força, coçava a cabeça, contava e recontava as linhas. “Pronto, Helder, 50 linhas.” E o Helder, irredutível: “Eu disse 60, Alberoni, ses-sen-ta!”

Pareceu-me impossível que alguém, mesmo competente, pudesse produzir um texto pelo menos razoável em tais circunstâncias. Dia seguinte, paguei

pra ver. Lá estava a *Coluna por todos* na página três. Um texto limpo, correto, enxuto.

Voltei a encontrá-lo algum tempo depois, quando fundamos o jornal independente *Chapada do Corisco* (76/77). Enquanto o pessoal da imprensa graúda caía de pau em nosso jornaleco, o Alberoni, mesmo sabendo que não podíamos pagar-lhe, nos mandava textos que enriqueciam o “nanico” feito num fundo de quintal.

No início dos anos 80, tornamo-nos vizinhos ali na Simplício Mendes. Sem salamaques ou visitinhas cordiais,

Arnaldo Albuquerque

Alberoni se fez “freguês” da minha biblioteca, devorando tudo que levasse a assinatura de Graciliano Ramos. Um detalhe importante: nunca deixou de devolver os livros no dia combinado.

Reencontrei-o agora num momento difícil: Alberoni, há algum tempo, vem lutando valentemente contra um hóspede indesejável e renitente que se alojou em sua vida: um câncer na face.

Esperava encontrá-lo triste, tenso, abatido. Nova surpresa: diante de um copo de cerveja, devidamente instalado em sua cadeira cativa no velho Clube dos Diários, Alberoni recebeu-me recitando o meu poema “Teresina”, que ele considera a “melhor tradução” de sua cidade.

Foi uma conversa franca, cordial, enriquecida com a participação de Paulo Machado, Ana Zeneida e Geraldo Borges. Saí do encontro convencido de que o Alberoni é um cara que não foge da *raia*, mesmo que o adversário seja a “indesejada das gentes”, de que falava Bandeira.





GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ

CÓDIGO DE ÉTICA
DO JORNALISTA BRASILEIRO

*Art. 17 - O jornalista deve preservar
a língua e a cultura nacionais.*

ENTREVISTA: ALBERONI LEMOS FILHO

“Não pretenda que os poderosos tenham medo de você, mas proceda de tal forma que eles não se dêem razão para sentir esse medo.”

Cineas: *Alberoni, você descende de uma família de jornalistas: seu avô e seu pai estão, de certa forma, ligados à história da imprensa piauiense. Até que ponto isso contribuiu para que você também se fizesse jornalista?*

Eu sempre soube que era neto, sobrinho e filho de jornalista, mas isso não me induziu a ser jornalista. O fato de ser descendente de pessoas ligadas à imprensa não me fez jornalista. É certo que sinto orgulho de ter antepassados jornalistas, mas isso não teve nenhum peso no fato de eu ter optado pela profissão de jornalista. Também não pretendo induzir nenhum filho meu a ser jornalista, embora esteja disposto a dar todo o meu apoio se algum deles decidir ser jornalista. Acho que devo fazer uma diferença entre o jornalismo que faziam meu pai, meu avô, meu tio e o que faço eu. Não digo que eles fizessem um jornalismo ultrapassado, mas faziam um jornalismo artesanal, onde o idealismo pesava mais que qualquer outro fato. Hoje, eu faço um jornalismo profissional, sem que isso, naturalmente, elimine o fator idealismo. Mas eles eram



Arnaldo Albuquerque

José de Araújo Mesquita

diletantes, eu sou um profissional. Vivo disso. Eu respeito muito o trabalho deles, mas há uma grande diferença entre o jornalismo que eles faziam, artesanal, e o jornalismo industrial, empresarial, que eu faço. É uma questão de época.

Geraldo Borges: *O Alberoni falou em jornalismo artesanal e empresarial. Quando o jornalismo piauiense deixou de ser artesanal para tornar-se empresarial? Isso já aconteceu ou ainda estamos numa fase de transição?*

Até os anos 50 o jornalismo no Piauí era feito por “donos de jornal”, isto é, o dono do jornal, por interesse ou idealis-

mo, era dono e redator do jornal. Muitas vezes esses jornais eram colocados a serviço de partidos políticos. Um exemplo: o *Jornal do Piauí*, dos anos 50, era do PSD, dos Freitas. Era um jornal político e não empresarial. Havia o dono do jornal e um ou dois jornalistas, no máximo, que faziam o jornal. Nessa mesma época, o jornal *O Dia*, de Leão Monteiro, era a mesma coisa, sendo que *O Dia* acabou arrendado para a campanha política do PTB, cujo candidato era o Constantino Pereira, lá de São João do Piauí. Nesse mesmo período, o seu João Clímaco d’Almeida e Dyrno Pires Ferreira fundaram a *Folha do Nordeste*. Esse jornal, onde iniciei minha profissão, elegeu o candidato da coligação PSD/UDN, Petrônio Portella, tendo como vice Joqueira; senador, José Cândido Ferraz, e deputado federal, Dyrno Pires Ferreira. O diretor da *Folha do Nordeste* era o Zé Vieira Chaves, que dirigia, simultaneamente, a *Folha* e o *Jornal do Piauí*. Acabou a eleição, acabou o jornal. E havia muitas pessoas de valor: Eulino Martins, Alberoni Lemos, meu pai, A. Tito Filho, Araújo Mesquita. Aliás, vale a pena con-



tar porque o Arimathéa saiu do jornal. Foi por causa de uma briga com o Eulino Martins, e a razão da briga foi a palavra *francesa*, um afirmava que a palavra tinha acento circunflexo; o outro dizia que não. O Arimathéa tinha razão, mas isso não era motivo pra alguém deixar um jornal.

Geraldo Borges: *Quer dizer que os jornais eram feitos ao sabor dos pleitos eleitorais?*

Eram, sim.

Geraldo Borges: *Bem, nesse caso, as pessoas que trabalhavam nos jornais não recebiam pagamento algum; recebiam, talvez mais tarde, algumas benesses do poder..*

Não. Recebiam, sim. Eu recebia, embora não fosse ainda um profissional. Havia ainda *O Jornal do Comércio*, de pouca penetração; e a *Folha da Manhã*, de Demerval Lobão e de Marcos Parente, também criado em função da campanha dos dois, que aliás, morreram num acidente automobilístico durante a campanha eleitoral. A bem da verdade, a *Folha da Manhã* foi a primeira tentativa de jornalismo empresarial no Piauí. Veja bem: o salário mínimo era nove... nove cruzeiros, nove mil. Eu entrei na *Folha* ganhando nove, no mês seguinte, meu salário subiu pra doze, quando ia passar pra quinze, o Deoclécio Dantas chegou lá e me perguntou quanto eu ganhava, eu disse, ele não falou nada e saiu. Imediatamente, mandou subir meu salário para trinta. Era dinheiro como diabo! E convém ressaltar que nesse tempo jornal não tinha subvenção do governo, não.



A. Tito Filho

Cineas: *Peraí! Se os jornais eram criados em função de campanhas eleitorais, os que faziam jornal, de alguma forma, esperavam receber algum favor, alguma vantagem durante o governo, não?*

Isso é verdade. Mas a *Folha da Manhã* não era isso. Foi a primeira tentativa de jornalismo empresarial no Piauí. O Zé Paulino contratou os serviços da UPI: nós recebíamos o noticiário da UPI, nacional e internacional. Logo em seguida, o Castelo Branco, com uma medida que eu acho acertada, proibiu que agências estrangeiras distribuíssem no Brasil notícias brasileiras. As notícias chegavam via morse, e quem as recebia era o senhor Carlos Augusto de Araújo Lima, que era telegrafista do II BEC. Veio essa arrumação de 64, e o Zé Paulino fechou a *Folha da*

Manhã. Foi aí que o coronel Miranda, que tinha o bisemanário *O Dia*, comprou o equipamento do Zé Paulino e transformou *O Dia* em diário como ainda hoje. *O Dia* foi crescendo, e o *Jornal do Piauí*, sempre ligado ao pessoal do PSD, marcando passo. Depois um picareta do Ceará comprou a *Folha da Manhã*, mas foi uma experiência passageira, acabou.

Geraldo Borges: *Em 64 você trabalhou no Voz do Piauí. Qual a importância desse jornal?*

Nenhuma. Era um jornalzinho bem artesanal. Foi arrendado pelo Maranhão Silva, mas quem o fazia era eu e o Deoclécio Dantas. Às vezes, Iracema escrevia alguns artigos gongóricos, mas foi experiência que nada acrescentou. Era uma porcaria.

Cineas: *Você começou a trabalhar em jornal muito novo*

.....
ainda. Como é que você conseguiu conciliar o trabalho jornalístico com a escola?

Eu era estudante no Diocesano e, por acidente, caiu-me na mãos um *Manual de Jornalismo* do Natalício Norberto. Era o bê-a-bá do jornalismo. Então eu tentei pôr em prática aquilo que estava no livro e creio que fui o primeiro jornalista do Piauí a se preocupar com isso. Quando eu me mudei para Brasília, pude constatar que aquelas noções elementares do livrinho do Natalício eram extremamente importantes. Era o alicerce. Em Brasília, trabalhando com pessoas mais capacitadas que eu, mais experientes, fui aprendendo o essencial.

Paulo Machado: *Quais foram essas pessoas?*

Eu vou citar o Alberto Nunes, que é hoje o editor da *Revista Nacional*, Ivaldo Medeiros, pernambucano, que era da Agência Nacional.

Cineas: *Que jornal era esse onde vocês trabalhavam?*

Não era um jornal; era uma agência de notícias. Foi lá que tive contato com grandes profissionais da imprensa e, lendo essa gente, pude aprender alguma coisa. Dentre esses profissionais, posso citar o baiano Sebastião Fernandes, que era repórter do JB e da Agência Universal de Notícias. Havia também o Wilson Queiróz, amazonense; havia o iniciante Fernando César Mesquita, que cobria a Câmara. Havia o Peres, que cobria os ministérios. Depois dessa experiência em Brasília, fui pra o Goiás-imaginem só! - fui ser professor

de português. Professor de português sem saber gramática, mas estudei e aprendi, aprendi mesmo. Tinha que aprender e aprendi. Hoje sou muito bom em gramática. O Cineas pode saber gramática, mas não sabe mais do que eu.

Cineas: *Seguramente, sei muito menos.*

Paulo Machado: *Em que local de Goiás você foi professor?*

Em Aragarças, lá perto da fronteira com Mato Grosso.

Cineas: *Qual era, à época, sua formação escolar?*

Eu tinha apenas o científico, feito aqui mesmo em Teresina, no colégio Diocesano.

Cineas: *E o Jornal O Estado, quando ele aparece na imprensa Teresinense?*

Regressei a Teresina no dia 2 de janeiro de 1969, desempregado. Vim passar uns dias por

aqui e acabei indo para Campo Maior, onde moravam minha avó, meu tio ... Em Campo Maior, acabaram me entregando o jornalzinho *A Luta*, do Totó Ribeiro. Era um jornalzinho desse tamanho! Voltei a Teresina, desempregado, meu pai me dava um dinheirinho, foi aí que eu comecei a ajudá-lo. Ele era correspondente do *O Estado de São Paulo* e do *Jornal do Brasil*. E o velho me empurrando pra esse lado. O que ele queria mesmo era passar esse trabalho para mim. Nessa época, recebi convite para trabalhar na *Rádio Pioneira* e no jornal *O Dia*. Uma noite, na buate *Vaga-lume*, encontrei com o Venelouis Pedreira Xavier, que tinha vindo a Teresina implantar o jornal *O Estado*. Ele tinha informações a meu respeito. Me convidou para trabalhar no novo jornal. Ele era o dono, o Helder Feitosa, redator-chefe; eu, se-

Jota A.



Helder Feitosa

.....

cretário e o Miguel Cavalcante, diretor-comercial.

Cineas: *Mas em que ano foi isso?*

O jornal circulou a primeira vez no dia da inauguração da Barragem de Boa Esperança: 15 de março de 70. Aí o Venelouis e o Helder voltaram para Fortaleza, deixando o jornal comigo e com o Miguel Cavalcante. Não tínhamos a menor infra-estrutura. A redação não tinha sequer um telefone. O jornal funcionava num galpão velho, ali nas proximidades do Mercado Central, bem pertinho da Casa Jiri. Foi aí que o Helder vendeu um terreno, uma casa, sei lá-o-quê, no Ceará, veio para Teresina e comprou o jornal. Começamos a fazer *O Estado* numa pobreza terrível. Mas o Helder teve muita sorte: o Alberto Silva assumiu o governo do Piauí e derramou dinheiro, muito dinheiro, na imprensa Piauiense. Convém lembrar que, antes do Alberto Silva, a imprensa piauiense não tinha subvenção do governo, não! Vocês sabem muito bem em troca de que o Alberto Silva derramou dinheiro na imprensa piauiense, não?

Cineas: *Não foi, também, o sr. Alberto Silva, via Armando Madeira Basto, o introdutor do release na imprensa piauiense?*

Foi sim. Mas, como eu ia dizendo, o Helder ganhou muito dinheiro e o jornal cresceu, cresceu muito. O Helder adquiriu aquela casa da Álvaro Mendes, comprou equipamento off-set, e eu lá. Eu entrava e saía do jornal na hora que eu queria. Eu nem sei quantas vezes trabalhei no jornal *O Estado*. Quando o

Helder chegou aqui, eu percebi que ele ia longe. Ele era jornalista e era também um empresário empreendedor.

Cineas: *Mas o Helder era jornalista mesmo? Eu nunca vi o Helder escrevendo um texto.*

Era jornalista sim. Em Fortaleza, o Helder era um repórter brilhante. Eu percebi isso e adverti o coronel Miranda de que

coronel Miranda reagiu, ampliou e modernizou sua empresa.

Paulo Machado: *Quando você fala Helder X Coronel Miranda, não seria melhor dizer grupos políticos e empresariais opostos, tendo os jornais como instrumentos de divulgação de suas idéias?*

Não. Não era nada disso.

Cineas: *Eu não sei se vou*

Netto



Alberto Silva

ele iria ter um concorrente de verdade. Foi aí que o coronel passou a encarar o jornal como empresa, porque, até então, ele só se preocupava em ganhar dinheiro, em cavar prestígio com o jornal dele. Nesse aspecto, o Helder foi o responsável pela implantação do espírito empresarial na imprensa piauiense.

Paulo Machado: *Mas esse espírito empresarial não afastou da imprensa piauiense o caráter político-partidário, não é mesmo?*

Absolutamente. Quando o Helder começou a crescer, o

dizer uma grande besteira, mas eu tenho a impressão de que o sr. Alberto Silva, com muito dinheiro e Armando Madeira Basto à frente da AGE, conseguiu exatamente destruir o caráter político-partidário dos jornais teresinenses, transformando-os, todos eles, em modernas empresas de comunicação a serviço do governo.

Grande verdade! Absoluta verdade! Foi exatamente o Alberto Silva que introduziu o que de pior existe na imprensa: a autocensura. Isso é o que há de mais

detestável, de mais execrável, na imprensa. É uma merda!

Paulo Machado: *Mas sempre que um grupo está no poder, o outro procura um veículo de comunicação para fazer-lhe oposição.*

Houve tentativas, apenas tentativas. Me lembro de uma tentativa do Ciro Nogueira e do Manuel Nogueira com o *Correio do Povo*, mas não passou de uma aventura do MDB, não tinha caráter empresarial.

Paulo Machado: *E a experiência da Elvira Raulino com o Diário do Piauí?*

A Elvira, com o Genésio, montou o *Diário do Piauí*. O Pires Sabóia era o editor, e eu, o secretário. Mas não havia nenhum grupo político ou empresarial por trás disso não. Foi uma aventura que não deu certo.

Cineas: *Alberoni, os jornais de Teresina tornaram-se modernas empresas de comunicação, com equipamentos modernos, sofisticados etc. Mas e os profissionais? Os que fazem a imprensa piauiense são tratados como profissionais? Assumem uma postura profissional ou continuam meio-jornalistas, meio-funcionários públicos?*

É uma mistura de tudo isso e muito mais. Há pouco tempo, o Sindicato dos Jornalistas conseguiu junto aos patrões a aprovação de um piso salarial, algo em torno de cento e poucos cruzados, se não me engano. Isso é uma merda. Mas como eu já disse anteriormente, o senhor Alberto Silva criou mil e seiscientos e tantos empregos na área oficial para agasalhar os profis-

sionais de imprensa. A coisa é simples: o cara chega a uma empresa jornalística qualquer e é contratado ganhando o salário-mínimo. Então, o jornalista fala: "Mas é muito pouco!" E o patrão retruca: "Mas com esse emprego aqui você pode conseguir muitos outros no Estado." Isso é uma merda!

Cineas: *Mas isso é uma verdadeira fábrica de picaretas, não?*

Você está sendo muito generoso. É muito pior.

Ana Zeneida: *Há quanto tempo isso funciona assim?*

Desde a época do primeiro governo do Sr. Alberto Silva. É só fazer as contas. Esse vício foi sendo herdado pelos governantes que sucederam Alberto Silva e a coisa chegou onde chegou.

Geraldo Borges: *Como é que você vê a questão do suplemento literário nos jornais?*

Geraldo, pelo amor de Deus! suplemento literário não

fatura, não! Para os donos de jornal esse negócio de literatura é coisa de um bando de idiotas, só serve pra ocupar espaço. Ninguém paga por isso não.

Geraldo Borges: *Falo assim porque no tempo em que a imprensa era artesanal, as pessoas que faziam literatura nos jornais tinham importância, a coisa era diferente.*

Cineas: *Vamos tentar situar melhor a questão: na época em que seu pai, Alberoni, fazia imprensa, as pessoas que escreviam nos jornais - A. Tito Filho, Valdemar Sandes, Eulino Martins, Júlio Vieira - eram todos literatos. Bem ou mal, eram literatos. Pode-se até discordar do conteúdo do que escreviam, mas sabiam pelo menos onde colocar as vírgulas, os pronomes etc. O que se quer saber é quando essas pessoas foram "tangidas" da imprensa piauiense.*

Bem, eles não foram "tangidos" da imprensa piauiense;

Arnaldo Albuquerque



Elvira Raulino

.....

eles foram-se afastando, cedendo espaço para os que fazem a imprensa, não por diletantismo, mas como profissão.

Cineas: Em sua opinião, não houve uma queda na qualidade da imprensa produzida no Piauí?

Olha, a qualidade até cresceu muito nos fins dos anos 60, começo da década de 70. Depois decresceu vertiginosamente por causa daquela desgraça de que já falei anteriormente que é a auto-censura. Nós temos aqui em Teresina profissionais altamente qualificados, gente muito competente, mas como produzir uma matéria boa se o dono do jornal não quer que ele faça? O jornal *Folha da Manhã*, como eu já disse, era um jornal de muito prestígio, um jornal que não dependia de subvenção do governo, não. A *Folha* formava a opinião pública. As pessoas, diante de uma situação tal, diziam: "Vamos esperar pra ver o que a

Folha da Manhã vai dizer. O que a *Folha* dizia tinha credibilidade. E a gente ganhava bem, Cineas. Todos os dias, na hora da merenda, tínhamos, todos nós, inclusive os operários, uma quantia destinada pela direção do jornal para lanchar. Uns merendavam, outros compravam cigarros, outros bebiam cachaça, mas esse dinheiro não era descontado em nosso salário, não. Hoje, tem neguinho ganhando muito bem, mas só pode dizer "amém, amém"; isso não é jornalismo. Os caras são burros, pensam que são inteligentes, mas são burros. Eles poderiam sobreviver muito bem sem atrelamento ao governo. Se um determinado anunciante quer veicular sua propaganda, que jornal ele vai procurar? O que tem credibilidade e grande circulação. Logo . . .

Cineas: Você insiste em falar em "auto-censura", mas até onde sei o problema é de censura mesmo. Quer dizer, o

jornal é uma estrutura castradora, censora e tudo mais. Como pode um profissional, por mais competente que seja, atuar com independência dentro de um jornal comprometido?

Realmente, não pode. Quando o jornalista vai escrever uma matéria a primeira pergunta que ele se faz é "Será que essa matéria vai machucar alguém?" "Será que vai machucar prefeito? O Secretário da agricultura?" Aí ele não escreve.

Cineas: Você falou ainda agora que o cara que procede assim é "burro", mas como ele poderia deixar de ser "burro" numa engrenagem dessa?

Bem, realmente ele não é burro. É condicionado: ele sabe que se escreve determinada matéria, perde o emprego. Então, os caras que estão nascendo para o jornalismo já estão nascendo condicionados. Isso está tornando a situação verdadeiramente irreversível.

Geraldo Borges: Eu gostaria de fazer uma colocação mais em nível sociológico. Quer dizer, a gente que está na província sonha sempre em ir para a corte, a capital. Você saiu daqui em 1966 e foi para Brasília. Você pretendia ficar por lá?

Sim.

Geraldo Borges: E por que voltou?

Como eu já disse, anteriormente, de Brasília eu fui para Aragarças onde me ofereceram uma série de vantagens. Eu ganhei muito dinheiro, mas gastei tudo. Então quando o negócio lá deu para trás, voltei a Brasília, onde tinha emprego garantido na

Arnaldo Albuquerque



José Vieira Chaves

.....

Arnaldo Albuquerque



Torquato Neto

agência onde havia trabalhado. Queria voltar a Teresina, rever os amigos, essas coisas. Quando cheguei, meus pais falaram: “Não volta mais não. Fica aqui”, e fiquei.

Paulo Machado: *Você teve participação na política estudantil teresinense. Há alguma relação entre esse fato e sua atividade como jornalista?*

Olha, minha militância na política estudantil foi quase toda limitada à edição de jornais estudantis, então havia uma estreita ligação entre as duas coisas.

Geraldo Borges: *Você trabalhou no jornal O Dominical?*

Não.

Paulo Machado: *Você esteve no Goiás no período de 67 a 68. Nessa época estava se desenrolando na região o movimento de guerrilha rural. Que informações você teve sobre o movimento naquela época?*

Nenhuma. Eu estava na região Sudoeste do Goiás e o movimento de guerrilha era bem

mais ao Norte. Então lá onde eu estava ninguém sabia absolutamente nada sobre a questão. Vim saber disso muito tempo depois.

Paulo Machado: *Naquela época, embora você estivesse ali como professor, você já era jornalista, certo? Ainda assim, você não teve acesso a informação alguma sobre a guerrilha rural?*

Nada. Absolutamente, nada. Lá ninguém tinha informação nenhuma sobre a guerrilha que se desenrolava no interior do Estado. Olha, só no final de 70, 71, já aqui em Teresina, tomei conhecimento da guerrilha do Araguaia, através do jornalzinho *Voz Operária* que circulava clandestinamente, era uma publicação do PCB que circulava de forma irregular. Então, eu já falei pro Helder: “Helder, tá acontecendo alguma coisa por aí?” E ele: “Nada, Alberoni, tá tudo calmo.” Naquela época a censura era braba.

Paulo Machado: *Na época da censura, os suplementos literários tornaram-se uma espécie de refúgio de alguns profissionais de imprensa que, impedidos de escrever sobre determinados temas na página de política, por exemplo, utilizavam os suplementos onde, subliminarmente, veiculavam informações que normalmente seriam censuradas. Você concorda com isso?*

Olha, eu nunca acompanhei de perto a trajetória dos suplementos, mas é possível que isso tenha ocorrido, pois os verdadeiros profissionais da imprensa sempre procuram uma brecha para veicular as informações que o leitor espera de um jornal. Os jornais alternativos *Pasquim*, *Opinião*, *Movimento* e outros tantos são uma prova disso.

Paulo Machado: *No caso específico de Teresina o surgimento do suplemento O Estado Interessante tem alguma coisa a ver com esse fato?*

Bem, na época, havia uma turma de meninos, meninos de cabeça grande: Paulo B. Sá, Durvalino, Edmar, eu e outros querendo fazer alguma coisa . . .

Paulo Machado: *O Torquato Neto chegou a participar dessa experiência?*

Não. Mas *O Estado Interessante* foi uma experiência válida, mas a situação do país era de tal forma complicada que o projeto não foi adiante por uma série de razões: em primeiro lugar, não havia uma estrutura financeira, digamos assim, para bancar o projeto. Em segundo lugar, era um grupo muito dis-

perso, não havia uma unidade de propósitos, uma intenção de executar um trabalho. Era um negócio meio aleatório, meio porralouca. Havia gente de valor como o Galvão e outros, mas não houve continuidade. O momento político também não permitia, a gente era muito pobre, a censura era braba. As limitações eram muito grandes. A situação política era tão difícil que até eu era

para que eu fosse comunista. De qualquer forma, ficou o estigma. Eu gostaria de contar um fato que ilustra bem a situação: em 31 de março de 1964, eu fui eleito primeiro-secretário da UPES. Em 65 ou 66, houve um concurso para o Banco do Estado do Piauí. Por insistência de minha mãe, eu e meu irmão, o Henrique, nos inscrevemos e ambos fomos aprovados. Ele

meu pai. A primeira prova era de português e, naturalmente, eliminatória. Ora, há pouco tempo, eu lecionava português lá em Goiás e era bom professor! Fui reprovado. Assim perdi dois empregos, dos quais não sinto falta.

Geraldo Borges: *Fale de sua experiência no Pirralho.*

Mas eu não era nem nascido, Geraldo!

Geraldo Borges: *Mas fale da segunda fase do jornal.*

Paulo Machado: *Houve uma época em que O Pirralho chegou a circular como suplemento ou encarte do jornal O Estado. Você esteve à frente?*

Não. Era meu pai. Eu escrevi um ou outro artigo, mas minha participação se limitou a isso.

Geraldo Borges: *Por que não se leva adiante o projeto de reativar O Pirralho?*

Meu pai morreu e não compete a mim reeditar seus escritos.

Ana Zeneida: *Quantos jornais você fundou ou ajudou a fundar, Alberoni?*

Correio do Piauí, Jornal da Manhã e O Estado.

Paulo Machado: *Além de jornalista, você teve também uma experiência como radialista...*

Não. Eu era redator. Trabalhei na *Rádio Pioneira*, na *Clube* e na *Difusora*.

Paulo Machado: *Como redator de textos na Rádio Pioneira, que é uma emissora ligada à igreja, como é que você analisa o comportamento de Dom Avelar, não apenas como arcebispo de Teresina, mas como*

Albert Piauhy



Dom Avelar Brandão

“suspeito”, todo mundo estava na mira...

Cineas: *Gostaria de falar sobre isso: O velho “Semana”, seu avô, era comunista; seu pai tinha simpatia pelo PCB e você, até onde se sabe, sempre esteve ligado aos movimentos de esquerda. Como é que você foi tratado durante o período da ditadura não-disfarçada?*

Quando me entendi já diziam que o meu avô era comunista; meu pai nunca escondeu suas convicções políticas, mas também nunca me influenciou

entre os três primeiros colocados e eu, lá pelo meio. Minha mãe ficou muito feliz e coisa e tal. Poucos dias depois, eu recebo uma cartinha da direção do banco, dando conta de que tinha havido um engano, eu não tinha conseguido aprovação. Quer dizer, eles queriam me prejudicar e acabaram me ajudando. Se tivesse virado funcionário do BEP, estaria hoje lá pelo Canto do Buriti, contando dinheiro dos outros. Outro fato: já em 72 ou 73, fiz concurso para a Universidade, agora por insistência de

.....
* responsável pela programação da Pioneira?

Não havia a menor interferência dele. Ninguém recebia ordem lá de cima não, nunca houve nenhuma interferência.

*U ITALICO...
U ENTRE-
ASPPS* **Paulo Machado:** *E a "Oração por um dia feliz", levada ao ar ao meio-dia, não refletia o pensamento, a ideologia da emissora?*

* Era a opinião do Dom Avelar, mas isso não tinha nenhum reflexo em nosso trabalho no Departamento de jornalismo.

Ana Zeneida: *Qual foi a reportagem que você fez que mais lhe gratificou?*

Uma matéria que fiz sobre a seca em São Raimundo Nonato. São Raimundo é a capital da seca no Nordeste. Tava uma seca danada, o jornal me mandou ir até lá. Fui, conversei com o prefeito, com o pessoal do Banco do Nordeste, com alguns pequenos agricultores da região, tirei algumas fotos e mandei a matéria

para o *O Estadão*, que a publicou com destaque. Quer dizer, era uma matéria que precisava ser feita e coube a mim fazê-la.

Ana Zeneida: *A experiência jornalística que mais te frustou?*

Foi a do levante da Polícia Militar, em 1963, mas como aconteceu outra coisa, anos depois, vou contar duas: No Governo Petrônio Portella os policiais militares levantaram-se por melhorias de vencimentos. Disse *levantaram-se* porque tinham armas e pareciam dispostos a usá-las, e isso torna o movimento bem diferente de uma greve. A situação deles era ruim. Meu pai contou um episódio que bem ilustra essa situação: um soldado procurou o dentista do quartel pedindo que extraísse um dente dele, soldado. O dentista examinou o dente e ficou admirado, porque o dente estava completamente bom. O soldado explicou: "Se o senhor me arrancar o dente

vai me dar um dia de licença para consertar a cerca de meu vizinho e ganhar um trocado." O dentista deu a licença sem tirar o dente do soldado.

Houve alguns policiais militares, os que serviam na guarda do Palácio de Karnak, que era também a residência do governador, que não aderiram ao movimento. Eu vi lá no quartel, espalhados pelas paredes, cartazes aludindo aos guardas palacianos como "traidores". Eu trabalhava na *Folha do Nordeste* como revisor, mas já me aventurava a fazer algumas reportagens pequenas, principalmente na área policial. O repórter adormecido estava começando a despertar, de forma que fui ao quartel. Um oficial, ou sub-oficial, não entendo disso, foi quem me recebeu, e muito bem. Mostrou-me tudo, narrou-me as misérias do pessoal. Duas imagens ficaram gravadas: redes com mulheres e filhos dos grevistas, ou rebeldes, e também sacos de alimentos doados por Dom Avelar Brandão Vilela, que era o arcebispo. Não sei explicar por quê, mas ficou a impressão de que Dom Avelar fez a doação mas com o cuidado de não aparecer. Era um grande político. O certo é que preparei a reportagem. Achei tão importante que eu usei um papel timbrado da União Brasileira dos Estudantes Secundários, que pouco antes havia realizado um congresso em Curitiba. Participei desse congresso e lá me deram um bloco desse papel. Eu não me senti importante ou vaidoso, mas eu tinha consciência da importância

Batistinha



Petrônio Portela

daquilo. Entreguei o material ao Zé Vieira e ele disse meio resmungando que tinha ordens do Joqueira, que era um dos donos do jornal e também vice-governador, para não tocar no assunto. Não me lembro de ter dito nada. Senti frustração, humilhação, sei lá o quê. Não chorei, mas andei perto, e ainda hoje sinto vontade de chorar quando me lembro daquilo. Eu me absolveo do crime de ter destruído os originais, primeiro porque eu era pouco mais do que um menino, e segundo porque estava debaixo de uma pê carga emocional. Por causa de uma censura besta, perdeu-se o único relato escrito - e escrito por uma testemunha ocular de um momento histórico. Mas como isto aqui é para a História, vou dizer algumas coisas sobre aquilo. Algumas dessas coisas, meninos, eu vi, outras me contaram. Petrônio Portella pediu socorro ao 25° BC, que mandou soldados e armas. Na porta dos Correios havia uma metralhadora pesada apontando para Pedro II. Junto ao bar e restaurante Carnaúba, destruído por Alberto Silva anos depois, havia um canhão apontando para o quartel. Meninos, eu vi o canhão e as granadas. Senti que não era brincadeira. Aos poucos, os soldados do 25° foram isolando a área. Eu estava na frente de um bocado de gente (não, não estava liderando, aquelas pessoas eram só curiosos) e um soldado encostou-me na barriga a ponta de uma baioneta. Não senti medo: compreendi que ele não era doido para me matar. Não pensei na possibilidade de ele ter

ordens para isso, e acho que não tinha, não cumpriu. Com os dias, o cerco ao quartel foi-se apertando. Ao mesmo tempo, ampliava-se a área isolada. Umas duas vezes, para ir trabalhar, pulei o muro do Centro de Saúde, onde hoje é o Banco do Estado de São Paulo, para poder entrar no jornal. Um certo dia, se não me engano à tarde - e isso, meninos, eu vi - um jipe do 25° BC passou a fazer voltas em torno da praça com um alto-falante chamando o pessoal da polícia para se entregar. A voz dizia que havia ordens para não-sei-o-quê, mas o sentido era claro: ou a polícia se entregava, ou o quartel seria tomado à força. Depois de um tempo nem curto nem longo, abriu-se o portão do quartel e alguns homens (pensei que eram

oficiais e deviam ser mesmo) saíram. Ficaram debaixo da marquise do Cine Rex conversando com o pessoal de Exército. O movimento terminou aí mas houve conseqüências. Eu não vi mas soube que os principais oficiais metidos no movimento terminaram sendo transferidos para bem longe, numa espécie de exílio. O coronel Geraldo Câncio foi um deles, eu soube depois. Só que na época não era coronel. No ano seguinte, mas isso já é outra história, fui a Floriano para um congresso da UPES. Saí 1° secretário e encerramos o congresso com um comício no coreto da praça. Saiu presidente o Kleber do Rêgo Monteiro, hoje no Banco da Amazônia. O secretário geral foi o Rui, Ricardo Rui de Matos e Silva, que está no Banco

16

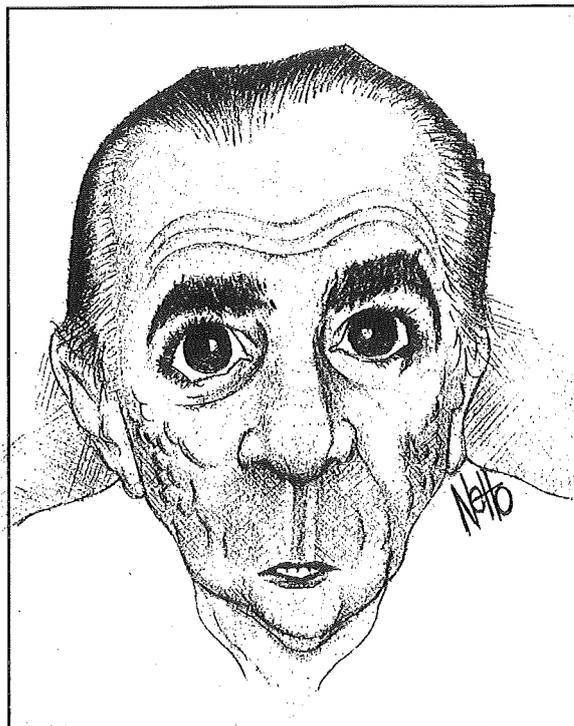
Jota A.



José Lopes dos Santos

do Brasil. O comício aconteceu na noite de 31 de março de 64. Na manhã seguinte viajamos para Teresina, de ônibus, ouvindo um radinho de pilha. O João Goulart cai ou não cai? Essa era a pergunta. A gente queria que não caísse. Aí pelo dia 2 de abril, ou 3, 4, o Carlos Augusto Cavalcante Barros e mais um ou dois da UPES fomos ao Karnak. O Carlos Augusto era secretário geral da União Brasileira dos Estudante Secundários, que funcionava no prédio da UNE, na praia do Flamengo, 132, no Rio. Exigimos do governador uma posição. Ele saiu com evasivas e eu disse: “Quando o presidente João Goulart andou aqui o senhor disse que ele podia contar com o Piauí. E agora?” Não posso dizer com certeza, mas parece que ele hesitou um pouco. Disse, mais ou menos em tom de desculpas, que nada podia fazer, não podia contar nem mesmo com a Polícia Militar. Era aquela história do levante. Ao lado, numa poltrona, vi o jornalista José Lopes dos Santos, com papel e caneta. Parecia escrever, mas não tenho certeza. Também não sei por que estava no gabinete do governador. O certo é que saímos de lá com uma declaração do governador: “Vamos aguardar o desenrolar dos acontecimentos”. Bela posição. Naquele dia mesmo Petrônio Portella mandou uma nota para a *Folha da Manhã* apoiando o Presidente. A nota saiu, se não me engano, na primeira página. No dia seguinte, outra nota, mais contundente ainda. Os militares eram chamados de sediciosos. A se-

Deoclécio Dantas



gunda nota foi sustada antes da publicação, mas isso aí acompanhei um pouco de longe. Eu me afastara do jornal para dedicar-me mais à UPES, meu pai foi preso, enfim, nessas horas a gente se perde. Mas vocês perguntem pelo Esperidião Fernandes que foi o enviado de Miguel Arraes que morreu em Campo Maior naqueles dias e está enterrado por lá, numa fazenda não sei de quem. Quando viu que tudo estava perdido foi para Campo Maior, parece que orientado pelo próprio Petrônio, teve um enfarte morreu. A segunda frustração foi em Brasília, em 1966 ou 1967. Eu trabalhava na Universal de Notícias, uma agência que tinha clientes em Brasília mesmo, no Rio, em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Eram jornais e emissoras de rádio e TV. A Bandeirantes, que estava começando, era um dos clientes.

Houve uma crise política e tudo indicava que o congresso ia ser fechado. Na agência, já à noite, o Coutinho, que era o dono, propôs que eu dormisse lá mesmo, numa espécie de plantão. Concordei mas pedi um vale para jantar e comprar cigarros. O pagamento lá vivia atrasado. Concordei, desci, comi alguma coisa e voltei. A agência era no 10º andar do edifício das Pioneiras Sociais e me dispus a dormir no sofá. Só que o rádio deu que a solução para o impasse só ia sair no dia seguinte. Fui dispensado do plantão e tratei de ir dormir. Na manhã seguinte, bem cedo, o Coutinho, Dirceu Maciel Coutinho, foi me buscar na pensão. Nem escovei os dentes, que nessa época eu tinha, entrei no carro e fomos para lá. Chegaram logo as matérias de nossos repórteres. Matérias maravilhosas, um documento real, feito por quem tinha visto tudo de perto, tudo

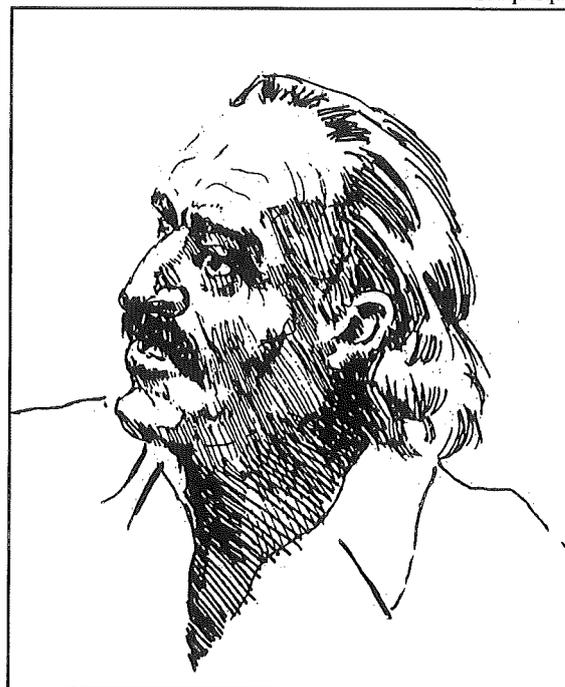
.....

muito bem detalhado. Havia até o episódio em que um jornalista esbarrara, no escuro, com o deputado Chagas Rodrigues e o piauiense saiu com o nariz sangrando. Pois bem. Eu era redator, mas como o teletipista não havia chegado eu mesmo fui para o telex e picotei a fita com aquele montão de notícias, tudo coisa de primeira linha, um material mais do que excelente. O diabo é que na hora de transmitir descobri que Brasília estava isolada, as comunicações estavam cortadas.

Escondi (entre aspas) o material numa estante, sabendo perfeitamente que se os órgãos de segurança chegassem ali iam descobrir tudo. Mas eu não podia ficar sem fazer alguma coisa. Não ter feito divulgar todo aquele material foi a outra grande frustração.

Cineas: *Gostaria de discutir um pouco sobre a questão cultural em Teresina. Quando cheguei aqui, maio de 1965, a cidade era bem provinciana, mas havia efervescência cultural: Gomes Campos, Santana e Silva, Tarciso Prado, Ary Sherlock faziam bom teatro. Havia grupos musicais: Barbosa Show Bossa, Brasinhas, Metralhas etc. Havia as "tertúlias" do Clube dos Diários; havia cinemas, havia a Paissandu (com dois esses mesmo) . . . Tudo isso se diluiu, evaporou-se. O que realmente aconteceu com Teresina?*

Teresina cresceu, espalhou-se, não só fisicamente, mas culturalmente também. Depois, veio essa praga que é o automóvel. Em lugar da Paissandu surgiram a "Maroca", a "Ana Pau-



Tarciso Prado

la", fora do centro onde só ia quem tinha carro. Em lugar do Clube dos Diários, o Ríver, o Jockey Clube, longe do centro da cidade . . . Houve uma desagregação, uma diluição. Depois, não se pode esquecer a presença da televisão que é muito forte.

Cineas: *Foi você quem cunhou a expressão "geração cilindrada"?*

Não. Eu costumo falar em *geração sacrificada*, porque a ela se negou tudo, principalmente o direito à informação.

Cineas: *Mas o Chico Viana me falou que a expressão era sua. Aliás, é uma bela expressão para designar a geração barulhenta, motorizada, veloz . . .*

Geraldo Borges: *É uma expressão que define muito bem a própria dinâmica do capitalismo: velocidade, consumo . . .*

Cineas: *Alberoni, sem querer ofender os donos da*

cidade, Teresina, hoje, parece muito com um bairro proletário de qualquer cidade grande, São Paulo, Rio . . . A cidade perdeu a identidade, perdeu a cara provinciana e, praticamente, não ganhou nada a não ser violência e sujeira.

Cineas: *há muito de verdade nisso. Mas é preciso não perder de vista o fato de ser Teresina uma cidade muito pobre e onde há pobreza absoluta não há solidariedade.*

Geraldo Borges: *É, Teresina tem mesmo essa cara de bairro. Apesar da cidade ter crescido, aqui tudo ainda é muito perto. É que a gente tem muita preguiça, e as coisas parecem longe. O automóvel em Teresina é uma coisa que está aí, veio para ficar, mas ainda é perfeitamente dispensável.*

Paulo Machado: *Parece, Geraldo, que a distância que separa o Teresinense das coisas*

18

QUEM ESTÁ
FALANDO É
O ALBERONI
P/ CINEAS.
NORMAL

*

é aquela “distância psicológica” de que fala o Cineas.

Não é que as coisas estejam longe; é que as pessoas não estão com vontade de ir lá.

Geraldo Borges: *Uma boa prova disso é que as pessoas passaram a morar mais longe por uma questão de status. A única pessoa que não aderiu a essa moda de distanciar-se do centro de Teresina foi o Joqueira, que continua ali como uma referência. Pode ter ficado ali também por uma questão estratégica.*

Paulo Machado: *As manifestações da cultura popular também entraram em declínio. A que você atribui isso?*

Quantos anos você tem?

Paulo Machado: 33.

Você faz parte da geração que eu chamo de sacrificada. É a geração pós-64, a quem se negou o direito de informar-se, o direito de aprender. Alguns, sabe Deus como, conseguiram sobreviver culturalmente, mas a gran-

de maioria desapareceu. Minha mulher é professora do Estado, mas não pode ensinar, não há como ensinar. Taí o Cineas, que é professor, e pode falar disso.

Cineas: *A escola literalmente, faliu. Os currículos escolares são camisas de força, não há participação da comunidade na escola, ninguém discute nada, ninguém questiona nada e tenta-se fazer as crianças aprenderem coisas absolutamente inúteis. Via escola, é praticamente impossível fugir da alienação.*

Isso aqui era uma cidade viva, isso aqui era bom. Depois de 64 virou isso. Veja o caso do Liceu! O Liceu era a grande escola do Piauí.

Paulo Machado: *Bem, mas é preciso deixar bem claro que só estudava no Liceu quem era emergente de uma classe social privilegiada ...*

Negativo. Absolutamente.

Geraldo Borges: *Nem tanto. Fiz exame de admissão lá.*

Paulo Machado: *É o que consta nos registros escolares.*

Cineas: *Acho que o Paulo tem razão. O caráter elitista da educação brasileira sempre existiu. Quem passava no exame de admissão? Quem tinha mais informações e como informação custa caro, só passava quem provinha de um segmento social com maior poder aquisitivo.*

Paulo Machado: *Quando falei em manifestações culturais populares, quis falar daquelas espontâneas, que independem do nível de escolaridade que o indivíduo possui.*

Geraldo Borges: *É o bumba-meu-boi, as danças folclóricas. . . Alberoni, você chegou a brincar de drama? Aquele teatrinho caseiro que se fazia muito em toda parte.*

Paulo Machado: *É preciso levar em conta que essas pessoas, embora pudessem até ter nascido em Teresina, descendiam de famílias que haviam migrado para a Capital. Traziam, portanto, essas manifestações na bagagem.*

Geraldo Borges: *Bem, mas Teresina é uma cidade nova. Isso é um reflexo da falta de raiz, de um alicerce cultural mais profundo.*

Paulo Machado: *Quais são, Alberoni, as manifestações culturais típicas de Teresina? A “tertúlia” do Clube dos Diários? O hábito de frequentar a Praça Pedro II? Seria isso?*

Isso era bem Teresina.

Paulo Machado: *Apona aí alguns referenciais físicos e comportamentais que possam ser tomados como exemplo de*

Batistinha



Joqueira

uma identidade cultural teresinense.

A Praça Pedro II já foi; a Praça Rio Branco, de certa forma, ainda é. Em termos de comportamento, o hábito de frequentar a Paissandu antigamente; e os clubes, o Clube dos Diários, o Jockey . . .

Paulo Machado: *Como é o teresinense? É introspectivo, extrovertido?*

Acho que o teresinense é mais para o ingênuo com a pulga atrás da orelha, desconfiado. Nada define melhor essa cidade que o poema *Teresina*, do Cineas.

Paulo Machado: *Alguns políticos e intelectuais insistem em falar em "piauiensidade". Que é isso, Alberoni?*

Num sei não.

Cineas: *O Geraldo, que é historiador e sociólogo, poderia explicar isso.*

Geraldo Borges: *Olha, sinceramente, não dá mais para segurar isso. Isso não existe.*

Paulo Machado: *Como é que você se define enquanto filho de Teresina?*

Sou um cidadão que conheço a minha terra em todos os seus aspectos. Não conheço apenas os bairros de Teresina. Conheço o temperamento do povo de Teresina. Meu avô nasceu aqui, meu pai nasceu aqui, nasci aqui e meus filhos nasceram aqui. Tenho muito orgulho disso; gosto da minha cidade, gosto do meu povo. Para resumir, Teresina só não é minha porque me falta a escritura. Teresina é um lugar onde em qualquer parte eu me sinto em casa. No Clube dos Diários, na casa do Geraldo, num

boteco do Parque Piauí . . . em qualquer lugar estou em casa.

Paulo Machado: *Isso é a relação Alberoni/Teresina. E a relação Teresina/Alberoni?*

Mas eu já disse que em qualquer lugar nesta cidade eu estou em casa, rapaz.

Geraldo Borges: *Você já se sentiu hostilizado em Teresina?*

Vou responder com uma historinha. Há uns dez ou quinze anos, quando o Sebastião Leal era secretário de Segurança, foi criada a "Operação Arrastão", um grupo de policiais que saía pela cidade à noite. Eu tinha saído do jornal *O Estado*, não tinha bebido, não estava armado; quando cheguei à Praça Saraiva fui interceptado pelos policiais. Aquele negócio de exigir documentos etc. De repente, um soldado perguntou: "Dou a busca?" Eu estava disposto a reagir contra aquela manifestação de prepotência, mas um soldado, que

não sei quem era, falou: "Êpa! nesse aí não. É gente conhecida." A cidade me trata dessa maneira.

Geraldo Borges: *Mas não seria isso o fato de a cidade ser pequena e você descender de uma família tradicional?*

Nesse caso específico, não.

Ana Zeneida: *Nos episódios do Banco do Estado do Piauí e da Universidade, você não se julgou injustiçado?*

É, nesses casos eles queriam me prejudicar e me fizeram um favor.

Paulo Machado: *Quer dizer que você é um animal de fauna teresinense?*

Acho que sim.

Cineas: *Uma pergunta dura, Alberoni: você está vivendo um momento difícil. Como não é um sujeito religioso não tem sequer esse lenitivo. Como é encarar a morte de frente?*

O problema é dela. Não é bicho-de-sete-cabeças não.

Ruke



Iracema Santos Rocha

Um Adendo Mais do que Necessário

Tento, aqui dizer algumas coisas omitidas na entrevista que fizera comigo, omissões de responsabilidade minha e dos entrevistadores, talvez mais minha do que deles. Mas como ninguém é perfeito . . .

O ponto mais importante que desejo abordar já foi comentado por Victor Gonçalves Neto em volume anterior desta coleção. É o - com licença da palavra - *release* e o que ele faz não apenas com o leitor, que fica compulsoriamente privado de informações importantes e exageradamente abastecido de "verdades" oficiais. Não sou o primeiro a dizer que, após a instituição dessa praga, que a História haverá de comparar à bulbônica, quiçá à AIDS, ou às duas, o repórter passou a ser pouco mais do que um contínuo, um *office-boy*, que vai à antessala do poderoso receber as laudas mi-meografadas e entregá-las a seu chefe imediato na redação.

O pior é que os novos repórteres, em grande parte, terminam por achar que trabalho de repórter é aquilo mesmo. Nem sequer imaginam que têm, ou deveriam ter, um papel investigativo, questionador, numa pa-lavra, jornalístico. São vítimas, é

claro, mas é fundamental que haja uma reação contra essa miséria.

Já que os supracitados (ou acima referidos, ou linhas atrás mencionados, podem escolher) jovens repórteres vivem um drama de cuja existência nem sequer desconfiam, vamos mais adiante. É que, além do problema da captação da notícia, há também o *escrever a notícia*. O que vemos hoje são textos pasteurizados, bem comportados, amorfos, dentro de rígidas normas de redação, mas sem qualquer flama, sem um estilo que torne esses trechos de leitura agradável e, por pura consequência, capazes de motivar o leitor para continuar a ler o que está ali.

Nelson Rodrigues era contra o copidesque, alegando que a este falta alma ao escrever. Ele próprio disse que se uma bomba atômica cair sobre a cabeça de um copidesque este escreverá apenas "Morri".

Pessoalmente não sou contra o copidesque. Sou contra, isso sim, o texto sem graça, sem elegância de estilo, ou mesmo sem estilo. Não se trata de enfeitar os períodos, entupilos de adjetivos, de frases sensacionalistas. Nossa Senhora do Bom Parto me defenda. Até onde sei, fui

o primeiro jornalista do Piauí a adotar o *lead* e assemelhados, faz 20 anos, depois de algum tempo em Brasília. Os meninos de hoje dominam muito bem essa técnica, mas lhes falta escrever com ritmo, fazendo períodos, não exatamente curtos mas perfeitamente compreensíveis e recheados de informações. Muitas reportagens que vemos diariamente parecem relatórios da repartição pública da esquina.

Por que chegamos a isso?

Deve haver várias razões, mas com certeza a falta de leitura dos bons autores é uma delas. Graciliano Ramos, Machado de Assis, José Lins do Rego, entre outros, ajudam muito - desde que sejam lidos. A falta de leitura, causa do problema, é, claro, consequência de outro, que é a falência de nosso ensino, sequela da *redentora*, *gloriosa* ou como quiserem chamar aquela arrumação de 64. *Redentora e gloriosa* foram expressões muito usadas na época.

Fiquemos com nossa Redenção do Gurguéia, mais concreta e próxima, e com outras glórias, que muitas delas a vida nos oferece. De uma forma ou de outra, vamos escrever bem.

Um abraço.

Cult Movie

A CASA DO CINÉFILO

SUL-CENTRO

* Rua Des. Pires de Castro, 55, Sul - Fone (086) 222 1087 . Centro
Teresina - Piauí



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PIAUÍ
GABINETE DA PRESIDÊNCIA

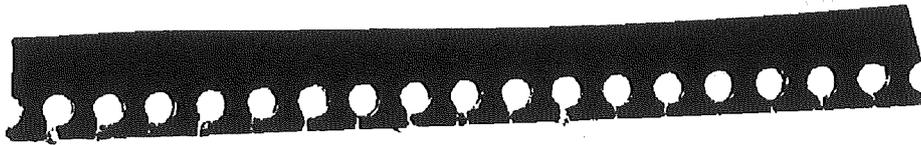
CÓDIGO DE ÉTICA
DO JORNALISTA BRASILEIRO

Art. 1º - O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.

Contribuição da Assembléia Legislativa do Estado do Piauí
para o desenvolvimento da imprensa piauiense.

.....

ALBERONI LEMOS FILHO



RETRANCA

23

.....

.....

A NOSSA PROPOSTA

ALBERONI LEMOS FILHO

.....

Este jornal surge como resultado do programa de ação da atual diretoria do Sindicato dos Jornalistas e reflete nossa intenção de levar à classe trabalhadora, em geral – e não apenas à nossa própria categoria – informações que sejam do seu interesse. Ao mesmo tempo, deve servir de laboratório para os estudantes de comunicação interessados em juntar à teoria que absorvem nos bancos escolares a prática, a vivência real do jornalismo.

Todos os membros do Sindicato têm livre acesso a estas páginas, sendo particularmente bem-vindas as colaborações voltadas para os nossos interesses. Os temas são livres, inexistindo quaisquer formas de censura: respeitamos o pensamento de cada qual, embora, quando for o caso, possamos manifestar a nossa divergência, dentro da convicção de que o debate, o entrelaçamento de idéias pode muitas vezes, para não dizer sempre, levar às conclusões mais acertadas.

RETRANCA não pretende ser um jornal hermetico, aberto apenas para jornalistas. É desejo nosso que todas as categorias profissionais tenham suas notícias divulgadas nestas páginas, numa forma de consolidar ainda mais a coesão entre a classe trabalhadora. O interesse destas vem acima de tudo o mais.

Refletindo o pensamento do próprio Sindicato, *RETRANCA* não pretende, igualmente, ser um jornal sectário, amarrado a fórmulas intransigentes. Nossa proposta é lutar pelos interesses dos jornalistas, o que, porém, não exclui o diálogo e a convivência pacífica com a classe empresarial, que nos emprega. Dela esperamos respeito às nossas reivindicações, que saberemos defender à altura e sem exigências desmedidas, mas sempre de acordo com nossos interesses e dentro das possibilidades da classe patronal. E nós, jornalistas, conhecemos muito bem uma coisa e outra.

RETRANCA - Nº I - Ano I - Teresina - Março de 1985 (Editorial)

DE COMO PRECISAR DO GOVERNO

ALBERONI LEMOS FILHO

.....

Qual empresa jornalística de Teresina tem alguma coisa parecida com seguro de vida em grupo? Ou convênio com Golden Cross algo semelhante? Ou outro tipo de assistência a seu empregado e família? Que eu saiba, nenhuma, a não ser, claro, o triste INPS. Aí então o jornalista trabalha muito mais do que as cinco horas estabelecidas

por lei, ganha o salário mínimo e só isso mesmo. Se adoecer, mesmo por causa da jornada incrível de trabalho, ou por outra causa qualquer, miau mesmo: fica com a licença vagabunda do INPS. É isso: jornalismo entre nós só dá o pão quando o muito mal pago jornalista submete-se a emprego no Governo.

RETRANCA - Ano I Nº 1 Teresina Março de 1985

.....

O JORNALISMO QUE A GENTE TEM

ALBERONI LEMOS FILHO

Dodó Macedo



De quantos repórteres precisa um jornal de Teresina? No mínimo uns 12 ou 14 para cobrir tudo: Karnak, Assembléia Legislativa, Câmara Municipal, Prefeitura, secretarias de Estado, polícia, geral, esportes, educação, repartições federais, etc. No mínimo, eu disse. Mas podem ser apenas a metade disso (ou até menos), desde que um deles seja o famigerado, nefando, às vezes safadinho *press - release*, bem engomadinho, bem compor-tadinho, dando o recado lá do governador, ou do secretário, ou do chefe da repartição, de quem quer que seja. E, como sabemos, nossos jornais optaram pelo caminho, infinitamente mais cômodo e barato.

O resultado, todos sabemos: as mesmas notícias apresentando só um lado da questão, são publicadas iguaizinhas (muitas vezes até o título é o mesmo) em todos os jornais. Notícias geralmente superficiais, que o redator do *release* não tem muito tempo nem interesse em pesquisar um assunto qualquer, aprofundar-se num tema, buscar causas disso ou daquilo, fazer comparações, enfim, enriquecer suas matérias.

Evidentemente, o leitor é o maior prejudicado, vindo em segundo lugar, em termos de prejuízo, os jornalistas, que passam a ser vistos como incompetentes ou compromissados com o Poder, seja ele qual for.

Vamos culpar os jornalistas por esse estado de coisas? Há pessoas desinformadas que o fazem. Vamos culpar as autoridades? Bom, elas estão em seu papel, pois via de regra, as pessoas normais gostam de tornar conhecidos seus êxitos, particularmente quando deles depende seus mandatos ou empregos. Está visto, ao mesmo tempo, que ninguém vai mandar um contínuo distribuir pelas redações um *release* enumerando suas falcatruas e demonstrações de incompetência. Absolvamos, pois, as autoridades que fazem distribuir os *releases* não pelo que elas, como autoridades, fazem, mas pelo fato da distribuição.,

Vamos também absolver os editores, que precisam de material para encher páginas e páginas de jornal e dispõem de muito pouca coisa não - oficial para publicar.

OS RESPONSÁVEIS - A pergunta é inevitável: quem é responsável por esse estado de coisas? Ora, imaginemos uma redação com um bom editor que por sua vez dispõe de redatores e repórteres (estes, principalmente) em quantidade e qualidade tais que dispensam perfeitamente o aproveitamento de *releases*, limitando-se, com relação a eles, a informação de que este ou aquele assunto merece ser explorado e, então, destacar alguém para explorar a questão e preparar boa matéria a respeito. Mas, ai! Os repórteres são poucos, mal-pagos, frequentemente pouco experientes e dispõem de pouco tempo, pois precisam dar um expedientezinho na assessoria de imprensa que

o ajuda a se manter, pois o salário que ganha no jornal (ou rádio, ou TV) é aquela porcaria. Como faltam ao editor poderes para contratar mais repórteres, o caminho, ou melhor, a solução é valer-se dos *releases*, entupir deles o jornal e, não raro, deixar a redação frustrado porque não pôde fazer o jornal que desejava. Mais ainda: ter plena consciência de que a opinião pública, desconhecendo o que acontece, joga toda a culpa nele, editor.

Enquanto isso, as empresas faturam e faturam, economizando em salários dos que trabalham e ganham pouco e dos que não trabalham e, logo, não ganham coisa nenhuma.

Quer dizer: o problema tem duas faces principais: a má qualidade dos meios de comunicação e a restrição do mercado de trabalho. Os *releases*, uma maná para as empresas, encarrega-se das duas coisas, e o leitor que se dane. O mercado de trabalho para o jornalista também. Nossa imagem junto ao público, idem.

Não se alegue que as empresas não têm condições de manter equipes maiores, competentes e bem remuneradas: aqui, ó. Empresa de comunicação social, principalmente jornal, dá dinheiro demais. Basta olhar em volta e ver como estão e como cresceram as nossas. Dinheiro, há. Só que não é para contratar e pagar equipes competentes e bem remuneradas. Até acontecer não sei o quê, os *releases* vão continuar imperando, para azar meu, de meus colegas e seu também, leitor, jornalista ou não.

DE REPENTE

Revista de divulgação da cultura popular

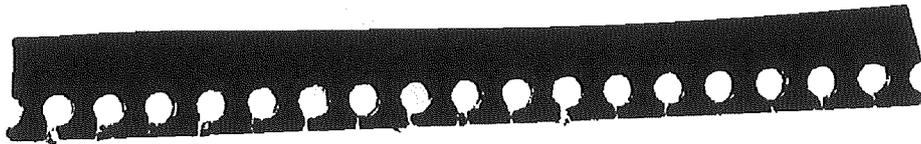
Colaborações, publicidades e pedidos para:

Rua Correia do Couto, 2683 - Itararé - Fone (086) 236 - 5997

CEP 64.077-450 - Teresina-Piauí

.....

ALBERONI LEMOS FILHO



COLUNA POR TODOS

Arnaldo Albuquerque



28

Alberoni Lemos Filho, apesar de todas as qualidades profissionais e morais, era um homem simples, que só se preocupava em bem servir o seu leitor, em nome do qual não fazia nenhuma concessão, motivo de ter deixado de trabalhar em vários jornais do Piauí. No Diário do Piauí, antes, e no Correio do Piauí, depois, Alberoni Lemos Filho encontrou a sua própria casa. Aqui, dizia ele, se pratica o jornalismo da verdade, sem medo, sem meias palavras. Em memória de homens como o Alberoni Lemos Filho, o Correio do Piauí continua sendo o mais acreditado e o mais independente órgão de comunicação do Estado.

CORREIO DO PIAUÍ

O JORNAL DE MAIOR AUTENTICIDADE DO PIAUÍ

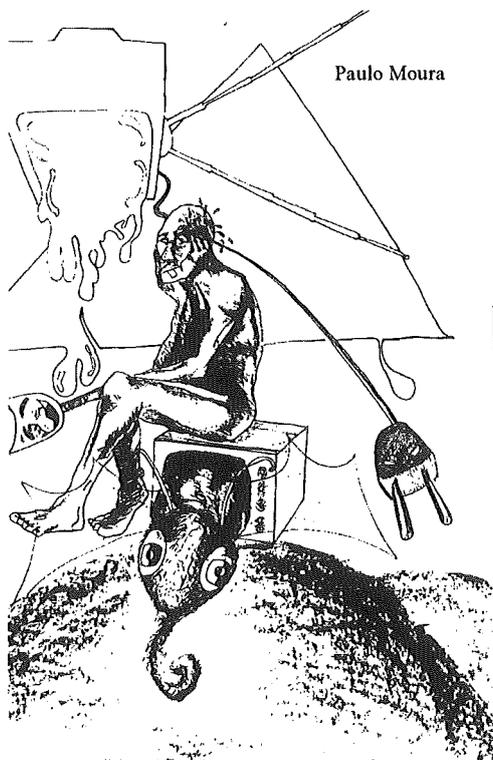
AV. PINEL, 393 - BAIRRO CABRAL

FONE: (086) 223 1566 - FAX (086) 222 2965 - TELEX (086) 2347

CEP: 64.056-430 - TERESINA - PIAUÍ

COLUNA POR TODOS

ALBERONI LEMOS FILHO



Paulo Moura

Abomino as pessoas (para mim, seres inferiores) escravas da televisão, isto é, aquelas que não podem passar algumas horas longe do vídeo. Recuso-me a aderir a esse tipo de gente que delibe-radamente se torna imbecil ou mais imbecil ainda. Mas às vezes dá vontade de acreditar em castigo.

Vejam vocês que acabo de me levantar de uma poltrona após ver um jogo de futebol até razoável, pela TV (estou escrevendo durante a XI Copa do Mundo) e descubro que não tenho absolutamente nada o que fazer. Haverá outro jogo, dentro de uma hora, mais ou menos. E até lá? Olhei furioso a televisão e o relógio: nada a fazer. Desanimado, parti para outras opções: a leitura, por exemplo. Dei uma olhada nos meus livros e constatei que já li todos. Minto: resta a obra completa de Leon Tolstoi, mas isto não é leitura para um cidadão que deseja apenas preencher uma hora de ócio. Acho que só vou ler essa obra completa se passar alguns meses na cadeia, mas não pretendo dar esse gosto à polícia e a alguns sujeitinhos que conheço acolá.

Outra opção: brincar com as crianças. Encho-me de orgulho por ser um pai dedicado e procuro os pirralhos. Estão dormindo. Botar a correspondência em dia? Ótimo, mas só estou devendo uma carta, que já escrevi e ainda não enviei porque perdi o endereço do destinatário. Este, por sinal,

já deve ter lido a obra completa de Tolstoi; oportunidade não lhe faltou.

Ah! Tenho um excelente amigo que mora do outro lado da cidade. É um bom papo, sempre tem uísque para visitas e joga xadrez. Telefone para saber se está em casa (seria chato gastar uma nota de táxi e saber que ele foi passar o fim-de-semana fora). O telefone não atende. Um outro amigo também joga xadrez, mas não tem telefone e não vou arriscar o táxi.

Apresento minhas queixas à mulher, atarefada com mamadeiras e fraldas. Mal me escuta

mas termina dando uma sugestão:

— Vai arrumar teus papéis. Estão na maior bagunça.

— Isso pode esperar — respondo eu da mesma forma que respondo há uns quatro ou cinco anos.

Quase desesperado, sinto vontade de ter uma religião a fim de poder rezar pela visita de algum amigo. Cinco minutos depois aparece não exatamente um amigo, mas um excelente auxiliar de trabalho precisando de 50 pratas. Não disse que às vezes dá vontade de acreditar em castigo?

Trabalhar? Como? Hoje não é dia de trabalho, muito menos para quem há anos pouco se dedica a essa atividade.

Só há um jeito: fazer uma crônica para, num dia de aperto financeiro mais grave, vendê-la para algum jornal. O diabo é que ainda falta mais de meia hora para o próximo jogo. E depois dele?

COLUNA POR TODOS

ALBERONI LEMOS FILHO

Ajudei a fundar este jornal, sofri muito, com o Helder, para tirá-lo diariamente. Mais ainda sofreram anônimos operários, que faziam quase milagres para a circulação não se interromper. Sofreram autoridades que, para visitar nosso simulacro de redação, precisavam, não raro, contornar jumentos e cargas de farinha postados junto à porta do jornal, que funcionava junto ao Mercado Central.

Isso faz dez anos, mais de dez anos: no dia 15 de março serão onze anos, e foi só por coincidência, mas uma coincidência muito feliz, que a inauguração do jornal aconteceu no mesmo dia em que entrou em funcionamento nossa hidroelétrica de Boa Esperança. Exatamente um ano depois, por uma razão que não digo, compreendi, de súbito, que a imprensa do Piauí ia melhorar.

Melhorou, como todos sabem.

E num tempo destes, em que o sentimento natalino se junta a esperança de um bom inverno, a

gente não resiste à tentação de escrever uma coisa piegas como esta, mas é que, se o leitor tem o direito de esperar boas leituras, quem escreve também é merecedor de escrever o que é do seu agrado. Escriba também é filho de Deus, pôxa.

Mas o certo é que o jornal cresceu, superou dificuldades inacreditáveis, construiu um prédio mais do que excelente e agora tem uma estação de rádio, de nome sugerido por mim.

Na inauguração do “Edifício Dirceu Arco-verde” saíu uma edição especial em que se transcreveu velha crônica minha lembrando os duros tempos do jornal que funcionava perto das verdureiras e magarefes.

Com o tempo, tornei-me uma espécie de funcionário vitalício do jornal, com o detalhe de que passava meses e meses sem trabalhar. E, naturalmente, sem receber dinheiro. Ou o inverso! Dá no mesmo.

O ESTADO 23/12/81



CALÇADOS ■ MÓVEIS ■ ELETRODOMÉSTICOS

LOJA - 1 59 - Rui Barbosa - Norte - Fone (086): 221-4985

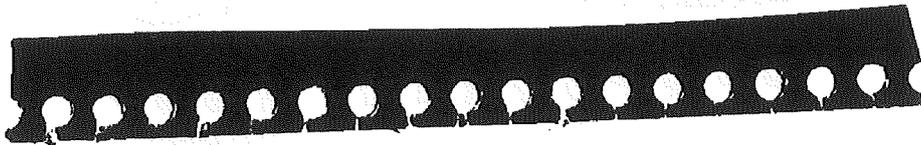
LOJA - 2 154 - Rua Simplício Mendes - Norte - Fone (086): 221-5516

LOJA - 3 1158 - Rua Senador Teodoro Pacheco - Fone (086): 221-6463

LOJA - 4 2497 - Av. João XXIII - Fone (086): 232-7331

.....

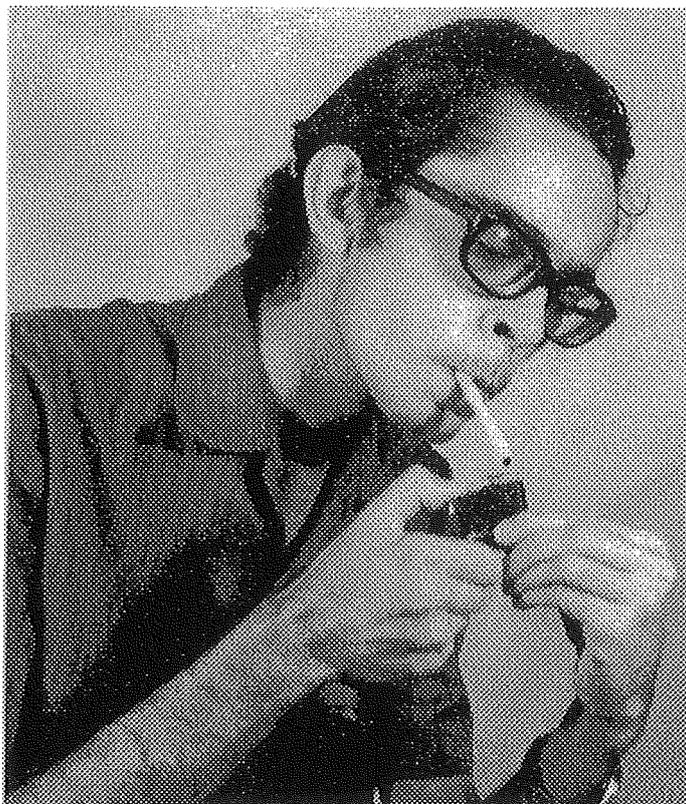
ALBERONI LEMOS FILHO



MINHA PENA, MINHA VIDA

31

.....



Alberoni: o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade.

Alberoni Lemos Filho serviu, educou e informou o leitor. Contribuiu para melhorar todos os jornais que tiveram a honra de tê-lo como profissional, notadamente ***O Dia***, que, se hoje é o mais lido e acreditado do Piauí, deve-se, e muito, a baluartes como ele.

✱ Hoje estamos rendamos ao inesquecível amigo as homenagens que ele merece como prova de que o seu nome está gravado na história do jornalismo e no coração de todos os piauienses.

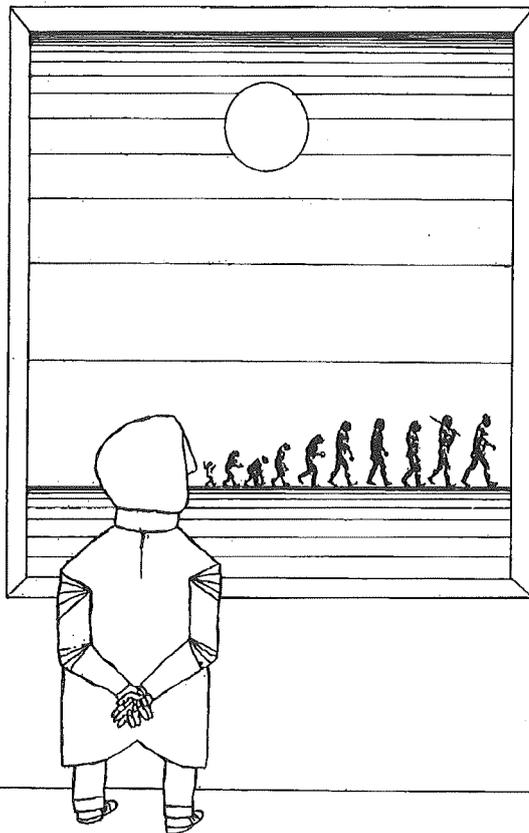
COOMARZGA O DIA

O jornal de maior circulação do Piauí

DE HUMILDADE

ALBINO JÚNIOR

Albert Piauhy



Sempre alimentei grande antipatia pela humildade ostensiva, pela modéstia propositadamente mal disfarçada de certas pessoas. Que se seja humilde, compreende-se, e até louva-se. De minha parte, porém, não posso compreender nem louvar a quem faz questão de dar conhecimento público da própria humildade.

Não tenho receio de incorrer em engano ao afirmar que tal espécie de humildade não é humildade – é orgulho, não é modéstia, é vaidade. É isto mesmo, porque a humildade está em ter-se consciência das próprias desvirtudes e reconhecer que, afinal, nossos desméritos são tantos que podem eclipsar os méritos. O humilde nega as virtudes que lhe atribuem. O modesto as deseja só para si, detestando que o próximo as conheça.

Voltando aos falsos humildes, aos pseudo-modestos:

São eles identificados ao escreverem “estas mal traçadas linhas” ou coisa que o valha. Um outro tipo é a anfitriã que chama de horríveis os próprios quitutes, embora não sejam tão horríveis assim. E por aí vai. Há uma gama imensa de “modestos” entre aspas e humildes da mesma forma.

Creio ser mais sensato e menos tolo dizermos com sinceridade o que somos. Isto dará ao próximo melhor a oportunidade de conhecer a gente a respeitar devidamente nossos méritos. É bem possível que sejamos um pouco generosos demais no auto-julgamento. Tanto pior: corremos o risco de cair no ridículo – merecido castigo para quem pretende ser mais do que na realidade é.

Falei dos outros. É chegada a hora de falar de mim mesmo.

Tenho uma coluna, que, boa ou ruim, aqui está. Pessoalmente, acho-a sofrível, apenas sofrível, com raros hiatos de boa. Normalmente, agrada-me pouco o que escrevo, mas às vezes elogio a mim próprio fruto de 15 ou 20 (às vezes até menos) de maior inspiração. Isto, claro, no meu julgamento pessoal, suspeito e de pouca significação. Daí meu desejo de opinião sincera (não as chamadas “críticas construtivas”) sobre o que sempre digo e escrevo.

Não é por nada, mas porque já vi que no fundo não tenho a mínima confiança na lucidez destas crônicas. Assim, peço uma opinião. Um bilhete assinado por um “leitor”, qualquer coisa, tudo serve.

.....

DE JORNALISMO

ALBINO JÚNIOR

Albert Piauhy

Existe uma norma fundamental para os principiantes do jornalismo: “se você considera o jornal apenas um emprego, deixe-o e vá trabalhar numa repartição ou num banco”.

Grande verdade, dita não sei por quem.

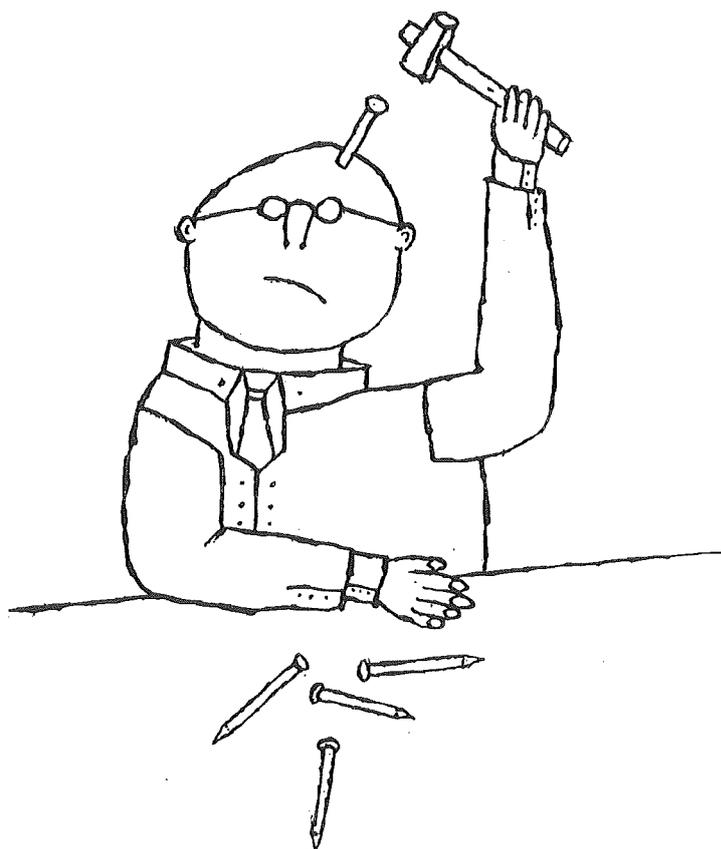
Aproveito para ir mais adiante, ditando algumas normas por minha conta e risco:

Se quer apenas promoção de seu nome, vá ser cantor de rádio, artista de cinema, o diabo, menos jornalista. Se procurar apenas cartaz, fama, no exercício do jornalismo, o fracasso será redondo e certo.

34 Pessoalmente, e dentro de um limite um tanto indefinido, faço o possível para observar o seguinte: antes de tudo o mais, servir ao leitor; divertir o leitor, educar o leitor, e principalmente, informar o leitor. Depois, trabalhar pelo jornal; melhorá-lo, a fim de melhor servir ao leitor e – naturalmente – ver minha situação dentro do jornal melhorada. Finalmente, cuidar de mim, fazer meu nome.

Não, não sou tolo nem me falta a ambição natural de todos os homens. Simplesmente afirmo que isto é primordial para o jornalista que ama a profissão: antes, o público. O leitor comum, o mais simplório e anônimo homem da rua é mais importante que qualquer jornalista, pois é ele quem compra o jornal e dele depende o jornal. Para sua satisfação e formação tudo o mais deve ser sacrificado.

É óbvio que não vou ao cúmulo de sugerir que alguém vá trabalhar de graça ou deliberadamente “apagar-se”. O jornalista precisa ganhar porque precisa comer e precisa ter nome porque o exercício da profissão o exige. Mas essas coisas correm paralelamente ao trabalho. Se este é bem feito, o dinheiro e a fama vem naturalmente. Para



o homem de imprensa (falo do verdadeiro, não dos penetras), ser conhecido significa um meio de alcançar seu objetivo, que é a notícia. Ser conhecido nunca deve ser a meta do Jornalista, com J maiúsculo.

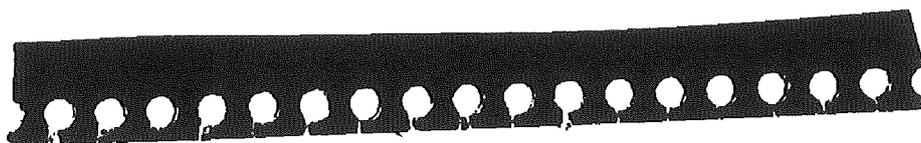
Estas são considerações pessoais. Não pretendo impingi-las como verdades irrefutáveis, mas as reputo bem oportunas, nestes dias em que muito – com licença da má palavra – cabra safado vive a xeretear pelas redações, usando de artimanhas para publicar artigos xaroposos, tudo visando unicamente a maldita fama, esquecendo-se, porém, que suas analfabéticas apenas os ex-põem ao ridículo.

É só.

O DIA 15/04/66

.....

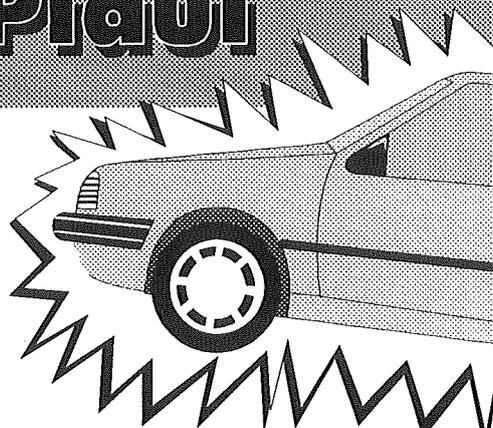
ALBERONI LEMOS FILHO



O HOMEM DO SUPERMERCADO

35

Cresça com o Piauí



**Ganhe um Uno Mille Todo mês
e um Salário mínimo por dia.**

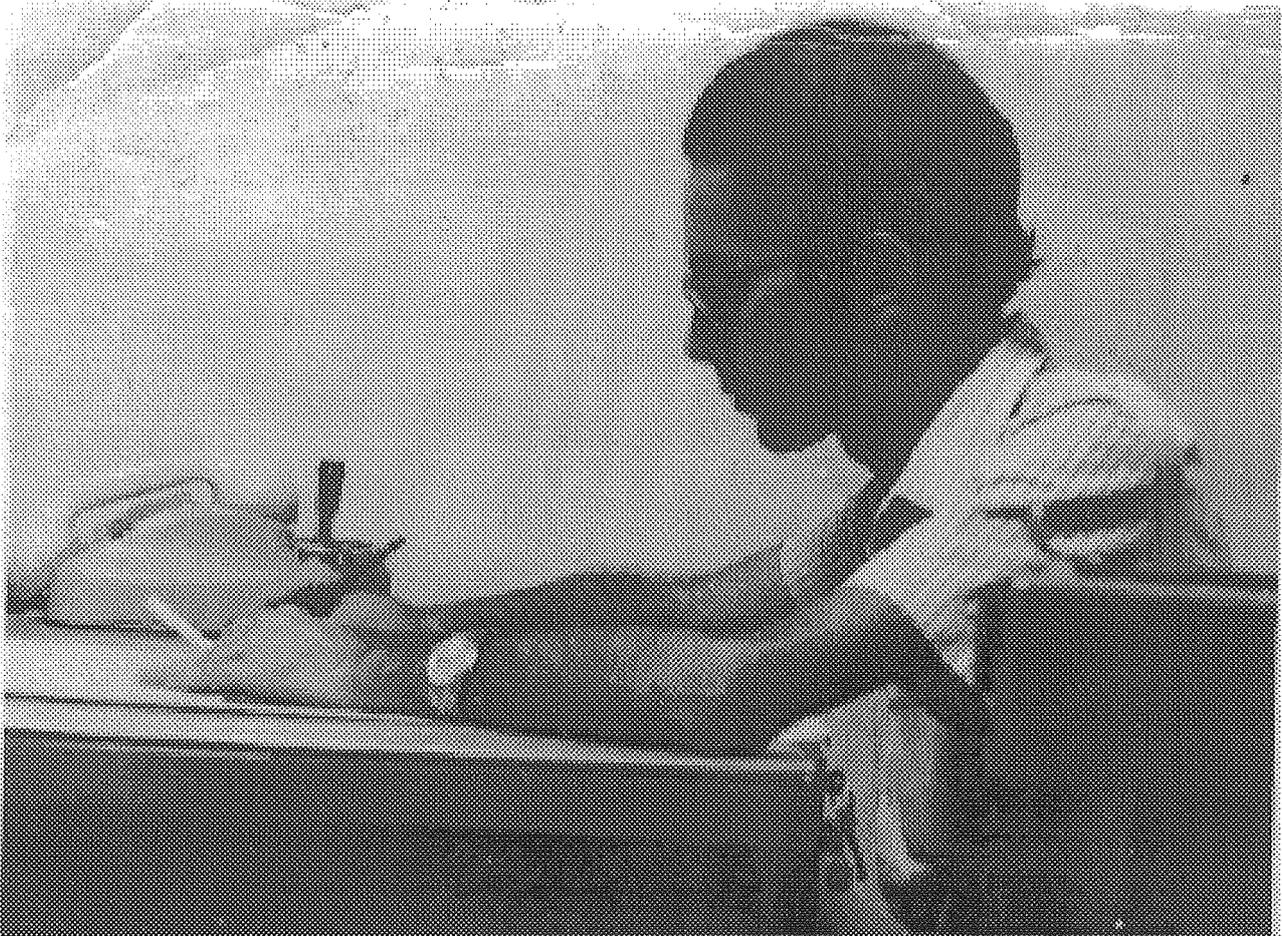
Exija sempre a Nota Fiscal.

**Cada vez que você
pede uma Nota Fiscal,
mais chances o Estado
tem de continuar
investindo na educação
das crianças
e na saúde do povo.**

O HOMEM DO SUPERMERCADO

GERALDO BORGES

Carivaldo Marques



Alberoni Lemos Filho, na sua mesa de trabalho, dando uma última enxugada em um de seus textos antes de ir para a impressão.

Alberoni Lemos Filho, meu amigo e afilhado, pediu-me um prefácio para o seu livro. Disse-me que era um romance. Para fazer o tal prefácio, tive que ler o livro; claro! Pois não é um romance mesmo! Um romance escrito por um jornalista. Para falar a verdade jamais imaginei Alberoni Lemos fazendo um romance, criando personagens, montando situações, articulando conflitos e intrigas, sem perder o fio da meada. Não que lhe falte talento. É que o ofício de romancista não vai com seu temperamento, a não ser que ele resolvesse escrever cada capítulo de bar em bar. Ele preferiu viver mais a sua vida do que romanceá-la, não lhe deu tréguas.

Quero deixar dito nesta página que assisti um pouco o parto deste romance.

Um certo dia visitei o Alberoni Lemos, onde ele estava, em uma casa de repouso, uma espécie de estação de cura, passando uns dias internado, para relaxar e desintoxicar-se dos vapores etílicos com que ele sempre conviveu.

Ao subir as escadas do prédio, ouvi, à medida que me aproximava do seu quarto, acompanhado pela enfermeira, uma figura franzina, toda de branco, dos pés à cabeça, o matraquear renitente de uma máquina de escrever. A enfermeira abriu a porta do quarto e lá estava o Alberoni, curvado sobre sua maquininha, nu da cintura para cima,

mostrando sua magreza à semelhança de certas pinturas cubistas. Estava de cigarro no queixo, barba por mais de uma semana sem fazer. Levantou-se, tirou uma última tragada e colocou a baga-na no cinzeiro. A enfermeira me deixou com ele. Fechou a porta. Encaramo-nos. Ele me disse: — estou escrevendo um romance. Você vai fazer o prefácio. Fiquei calado. Quer dizer, aceitei a incumbência.

Uma semana depois, Alberoni saía da sua reclusão com 97 páginas datilografadas em papel jornal. Com o jeito e gestos de uma pessoa que está sempre em suspense, telefonou-me para que eu aparecesse à casa dele. Apareci. Numa conversa entremeadada de copos de cerveja e baforadas de cigarros, disse-me que havia feito uma pequena

cirurgia e estava sob a ameaça de câncer. Teria que ir a São Paulo, com urgência; se escapasse da faca dos médicos, muito bem, caso não escapasse, paciência! O romance seria remetido para o Kenard Krueel, o qual já estava certificado de que eu faria o prefácio.

Foi a São Paulo. Submeteu-se a uma operação delicadíssima. Escapou.

Logo que chegou de São Paulo, me telefonou. Avisou-me que eu pegasse uma cópia do livro no Sindicato dos Jornalistas e tratasse de escrever o prefácio. Tratei, sem demora, de fazer isso. Mas, antes, fui ver no dicionário o que significava prefácio; li: — discurso ou advertência, ordinariamente breve, que antecede uma obra escrita.

JORNAL DA MANHÃ 12/07/90

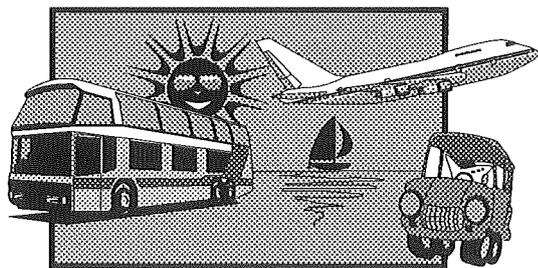
(Escrito duas semanas antes do falecimento de Alberoni)

38

PIAUI

TERRA QUERIDA

eneas barros



VIAGENS

GUIA TURÍSTICO-CULTURAL

UM FASCINANTE ROTEIRO DE VIAGENS PELO PIAUI, INCLUINDO:

dados do Estado
municípios turísticos
atrativos
hotéis e restaurantes
lendas e curiosidades

mapas
passeios
distâncias
culinária típica
foto-poesia
e muito mais!

APENAS R\$ 10,00

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR NAS SEGUINTESS LIVRARIAS E LOCAIS:

Leonel Franca - 221-5994 / 221-3346
Des Livres - 232-7998
Corisco - 221-4845
Dilertec - 221-3539
Livros e Letras - 221-7055
Banca do Aeroporto - 214-1562

Para compras em quantidade, informe-se pelo fone (086) 234-1107.

O HOMEM DO SUPERMERCADO

ALBERONI LEMOS FILHO

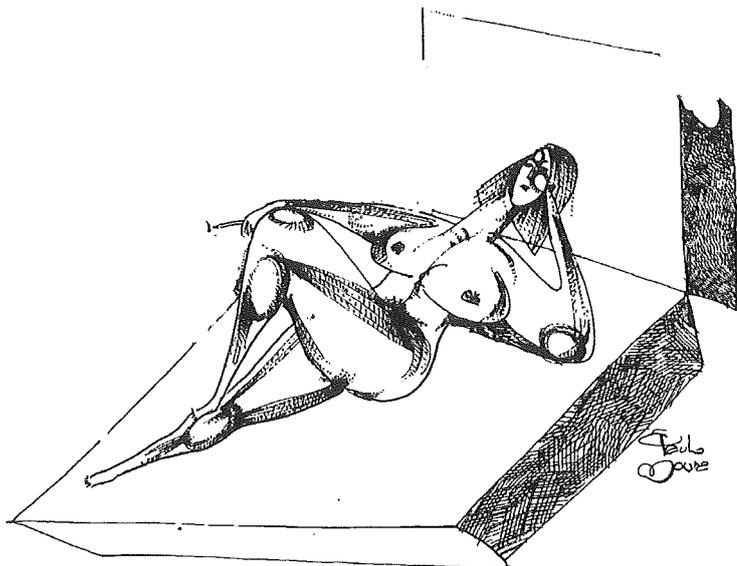
Paulo Moura

Fui descendo a rua pensando na Vera. Vera Maria, nome completo assim nunca vi. Tinha pai e mãe, irmãos parecidos com ela, uma típica família de cidadezinha do interior. Menina inteligente, sem dúvida, tirou-me da namorada que eu tinha, esta, moça rica, de boas prendas, como se diz, aos 19 anos não sabia o que era namoro. E a Vera fez aquilo com a colega da escola normal. O curioso é que eu vi a arapuca, sabia onde estava me caindo - e cai.

Naquela noite, pensando na Vera, acendi um dos últimos cigarros, busquei com os olhos uma lâmpada acesa, que localizei a meio quarteirão. Era a bodega do *seu* Alexandre, dirigi-me para lá, comprei os cigarros, ia saindo quando ele me chamou:

- Professor, eu soube que o senhor está no meu jurado. Podiam esquecer isso, já passou tanto tempo, o sujeito merecia morrer mesmo. E meus filhos, professor? São cinco meninos na escola, a mãe ganhou o mundo grande depois do "acidente". Tome uma cerveja, professor. Esta é por conta da casa. Trouxe a cerveja e dois copos, ficou lembrando o assassinato feroz, ele, de fuzil em punho, já depois do crime: ninguém podia encostar no defunto muitas horas depois, perto do meio dia (o crime se dera meia noite), até que o criminoso, que era delegado da cidade, deu sua permissão. Preto, dentro de um terno branco com gravata vermelha. Parecia solene no tribunal e foi absolvido por unanimidade. Não participei do júri.

Não me saia da cabeça a jogada da Vera, cuja irmã Lúcia, casada há pouco tempo com um dono de caminhão que viajava muito, não queria dormir só. A Vera ia para lá e ficava comigo na sala. Em várias ocasiões senti sede e, para não in-



comodar, eu mesmo ia à copa beber água. Via, pertinho e arrumada, a cama do quarto de hóspedes, a cama bem arrumada. Era um convite, não havia dúvidas. Vinha a Vera, abraçava-me, fazia-me beijá-la: era um convite: a irmã já dormia e dava para perceber que havia tramóia entre as duas, que, sabendo-se cheio de consciência, compreendiam que se eu possuísse a Vera o casamento era certo. Tinham razão, mas nesta arapuca não caí, embora a menina já tivesse seus 22, 23 anos, pensava nisso quando um bêbado cortou-me os passos, pedindo cigarros e dinheiro. Desviei caminho, apalpei o revólver, não viesse um estúpido daqueles prejudicar-me a vida.

Na república dos professor, onde morava, estranharam meu silêncio:

- Brigou com a Vera?

Não respondi, fui tomar um banho e deitei-me, ouvindo a algazarra de uns sujeitos que jogavam buraco. Insone, deixei a cama, fui olhar o jogo, vi sem comentar uma jogada estúpida de um dos jogadores, atirando fora um rei de copas com que ele e o parceiro fariam uma canastra real. Apoderei-me, sem pedir licença, de um litro de uísque

.....

(presente, decerto, ninguém ali comprava uísque). Não havia gelo, engoli a bebida pura, queimando a garganta. Debrucei-me à janela, fumando, ouvindo grilos e um rasga-mortalhas. Associei a ave agourenta a um vestido de noiva. A Vera havia dito, dias antes, que vira um desses vestidos, muito bonito, na loja de d. Luzia.

Casar. A Vera gostava do assunto, que eu evitava: casar como, se nada possuía. Tinha um emprego be razoável, mas a vida nos bares e na Benzetacil não me permitiam economias, nem mesmo pensar em casamento. E o que diriam meus pais, morando a quatro mil quilômetros, preocupados com o filho que escrevia duas ou três vezes por ano?

Voltei à arapuca da Vera e da irmã dela. esta, recolhida, deixava-nos à vontade. Foi na noite seguinte e eu havia esquecido o assunto. As duas, parece, também, mas surpreendi na Vera uns três olhares diferentes, sem que ela nada dissesse. Tratou de um assunto muito diferente dos costumeiros: pediu-me que corrigisse uma redação encomendada pela professora de Português lá do colégio das irmãs. Assunto paulificante: o 7 de setembro, que se aproximava. Suprimi vírgulas desnecessárias, dei um jeito em repetições numerosas, cortei o tricórnio do chapéu de Pedro II. Acrescentei mas cortei em seguida um sujeito com um carro de bois. Dei dois parágrafos sobre o barulho com o major português Fidié, no Piauí, e botei ponto final, aliviado.

-2-

Vieram as férias escolares, passei a gastar mas tempo na beira do rio, pescando um ou outro mandí ou pacú e, naturalmente, bebendo cachaça. Em certos horários de determinados dias ia ao campo de aviação na esperança de uma carona da FAB. Um dia, um avião-transporte, bem grande, "Búfalo" ou "Hércules", baixou. Desembarcaram um tenente franzino e calado e alguns soldados, quase garotos. Traziam armas e fizeram rolar tambores de gasolina, vazios, ao longo da pista, interditando-a. Concluí que devia haver algum golpe ou coisa parecida (soube depois que era o AI-5), mas isso pouco me inquietou. Naqueles fins de mundo ninguém sabia de nada, só viera a tomar conhecimento mais ou menos do que hopuvera semanas depois que saí de lá, o pior já havia passado.

Terminei voltando para minha terra de ônibus (três em seguida) e avião comercial. Fiquei algum tempo zanzando, até que me ofereceram emprego num jornal e numa emissora de rádio; fiquei com os dois, ganhando o suficiente para os gastos pessoais.

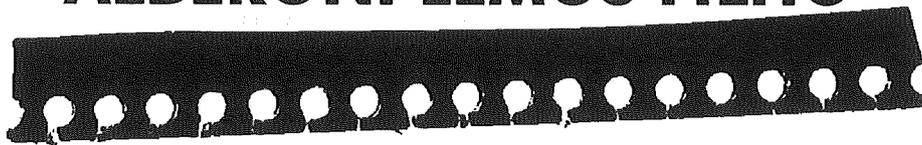
Interessado por política tinha simpatias pelo PCB, clandestino como nunca, e tentei localizá-lo. Achei o bicho mas não recebi convite para uma militância ativa. Ocasionalmente, recebia a *Voz Operária*, jornalzinho artesanal que me revelou a existência da guerrilha do Araguaia, que a grande imprensa, abaixo de censura, não podia noticiar.

- 3 -

Foi aí que entrou a Aurélia. Bonita, inteligente, esclarecida. Apaixonei-me, firmamos namoro, mas ela deixou de comparecer a um encontro e sumi. Tempo depois, precisando para um trabalho, de informações em que ela tinha emprego, fui lá, falei com ela mas como jornalista. Atendeu-me polidamente para depois perguntar a razão, ou razões, do rompimento, que fiz de maneira humilhante para ela. Expliquei brevemente e despedi-me.

A estas alturas eu me tornara adulto, amadurecido em todos os sentidos. Era disputado por algumas empresas de comunicação, aonde introduzi técnicas do jornalismo moderno, que aprendera durante temporada em cidade grande e para os colegas locais desconhecidas. Arrumei colocação para jovens que desejavam aprender a fazer jornal. Melhor: procuravam emprego. Em um jornal botei dois rapazes, um deles à revelia do dono, que aceitou o fato consumado ao convencer-se da necessidade de mais gente na redação: vinha aí um concorrente sério a ele, bom empresário, ex-militar, defendia a tese de que a melhor defesa é o ataque. Ainda assim eu trabalhava 14 horas por dia, mal alimentado, que me mandou curar um cemitério de sífilis e repousar. Fiz as duas coisas e fique em casa, estudando xadrez. Os aprendizes já tinham boa noção da coisa e deram conta do recado até a minha volta, dois ou três meses depois. Foi a primeira vez que ví na prática e senti na pele o que é o sistema capitalista: Não me mandaram eu repousar porque precisasse, mas porque eu era peça importante da máquina, reclamava lubrificação.

ALBERONI LEMOS FILHO



DEPOIMENTOS

41



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PIAUÍ
GABINETE DO PARTIDO DOS TRABALHADORES - PT

CÓDIGO DE ÉTICA
DO JORNALISTA BRASILEIRO

42

O professor A. Tito Filho, grande nome do jornalismo piauiense, no XII Congresso Nacional de Jornalistas, promovido em julho de 1968, em Porto Alegre (RS), foi escolhido o relator do Código de Ética do Jornalismo Brasileiro. Nele, no seu artigo 7º, ele escreveu:

"O Compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação".

Este artigo não ficou apenas em papel, como é o caso de vários e vários artigos das mais diversas leis e códigos que temos em nosso país. Um outro grande nome do jornalismo piauiense, com garra, competência e muito amor à sua profissão, fez deste artigo a sua marca, marca esta que o tornou o mais acreditado e o melhor profissional da nossa imprensa.

Alberoni Lemos Filho é um exemplo do jornalista que todos os homens públicos gostariam de ver trabalhando numa redação.

Dep. Wellington Dias

Dep. Olavo Rêbello

ALBERONI E O ESTADÃO

POMPÍLIO SANTOS

Carivaldo Marques



Alberoni Lemos Filho: melhor texto da imprensa provinciana.

Após tantos anos na frente ocidental do jornalismo, buscando sempre as novidades do front do nosso amável romancista Remarque, Alberoni toma posição agora na frente oriental, em mais uma batalha hospitalar pela saúde física, pois a mental sempre lhe sobrou neste mundo de muitos desencontros. Uma batalha que só termina, na verdade, com o amargo fim do qual todos nos aproximamos, na passagem dos minutos, das horas e dos dias.

Todos são unânimes: Alberoni é dono do melhor texto da imprensa provinciana. Membro de uma família de jornalistas, Alberoni parece acionar um texto que vem de avô para filho se

aperfeiçoando, cada vez mais enxuto e direto, sem qualquer tipo de gordura, à maneira de Graciliano Ramos, que aliás era também magro como Alberoni. O estilo não é o homem?

Desde os anos 60 Alberoni faz parte do meu show e seu pai Alberoni Lemos, jornalista da mesma têmpera, foi por muito tempo a ponte que facilitava o trânsito de nossa amizade profissional. Ambos tiveram muita sorte porque deram seu “sangue, suor e lágrimas”, a um jornal que sempre respeitou o profissional – “O Estado de São Paulo “dos Mesquitas, bons capitalistas num país do mais desbragado “capitalismo selvagem”, inclusive na área do jornalismo.

O Estadão nunca faturou um centímetro de matéria paga do Governo do Piauí e sempre remunerou de maneira digna o trabalho profissional de Alberoni. O Estadão sempre foi a exceção da regra: os demais órgãos da imprensa sulina, inclusive o respeitável JB, costuma produzir gordos “suplementos econômicos “para arrancar milhões de um Nordeste frágil e explorado por políticos pouco éticos. Talvez por isso mesmo o Alberoni sempre se mostrou honrado e gratificado como profissional de uma empresa jornalística que respeita o ser humano.

Dirão que O Estadão não precisa do Nordeste, pois é um jornal de plutocratas que representa uma sociedade de plutocratas. Certo. Já dizia Santo Agostinho que “o homem tem que ter condições financeiras até para ser honesto “. Mas há homens e empresas muito ricas que não respeitam os limites porque, não acreditando em Deus, acham que tudo é ético no mundo dos negócios.

Peço a Deus, assim, que preserve o Alberoni por mais uns anos. A dignidade dele é a dignidade do “Estado de São Paulo “. E vice-versa. Os dois se completam, apesar de viverem em patamares bem diferentes.

43

VAZIO NO JORNALISMO

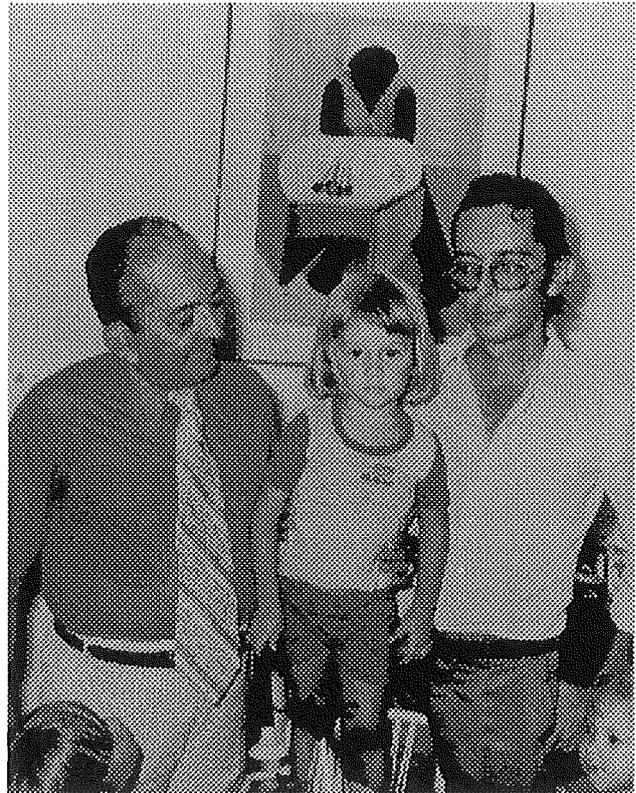
CARLOS SAID

Arquivo Maria José Lemos

Vazio no jornalismo piauiense. Nacionalmente, lacuna lamentável. Falecido ainda moço, lembranças imorredouras ficarão de Alberoni Lemos Filho. Pertencente a uma família de jornalistas autênticos, começou menino a *catar tipos* na tipografia e impressora do avô, o velho *Semana*. Ali pelas imediações da Rua Barroso, perto do cruzamento com Coelho Rodrigues. Centro da Capital.

Oriundos do interior, mais precisamente Floriano, a família Lemos dedicou-se a fazer jornalismo. No tempo em que Teresina engatinhava com a modernidade. Antes do centenário da cidade fundada pelo Conselheiro Saraiva. O patriarca, o velho *Semana* ensinava paciente e diligentemente a arte de fazer imprensa. Os filhos assimilaram a lição do chefe do inteligente clã. O descendente *Semana* e o ilustre Alberoni Lemos, após o falecimento do pai encheram-se de otimismo e passaram a fazer jornalismo sério e competente. Alberoni Lemos foi quem mais se destacou. A ponto de figurar como imprescindível nos principais jornais de Teresina. Dentre eles, *O Pirralho* e *A Luta*. Evidentemente e sem faltarmos com justiça, Alberoni Lemos Filho seguiu o pai para transformar-se em um dos mais notáveis do jornalismo piauiense. Após a morte do genitor, a lavra de Alberoni Lemos Filho tornou-se fantástica. A ponto de ser conhecido nacionalmente através dos trabalhos editados pelo poderoso grupo Mesquita que detém a propriedade do acreditado jornal *O Estado Jornal de São Paulo*, o popular *Estadão*.

Aliás e a bem da verdade, devemos dizer que fomos companheiros do Alberoni Lemos Filho. Magrinho e rivalizando conosco no físico, sempre foi impetuoso, sincero e justo. Impecável no trabalho. Escrevia com tanta facilidade que invejávamos os textos brilhantes do incrível jor-



A trindade: Alberoni Lemos, Alberoni Neto e Alberoni Filho.

nalista. Tanto se tem dito dos bons jornalistas piauienses que – vez por outra – esquecemos o ecletismo de muitos talentosos articulistas conterrâneos. Alberoni Lemos Filho também acreditou-se como titular do rádio-jornalismo piauiense. Fazendo a boa informação e prestando relevantes serviços à radiofonia nacional. Seu nome era conhecido além fronteiras do Piauí.

Razão de lembrarmos a perestroika de Mikhail Gorbachev, pois Alberoni Filho, foi, em vida, o centro intelectual de nossa sociedade. Basta citarmos os exemplos dos jornais *O Estado* e *Jornal da Manhã*. Desde os primeiros momentos, após a fundação de ambos os estabelecimentos de cultura popular (quem faz jornal e é jornalista pertence ao povo que é o espelho fiel

da sociedade em que vivemos), contribuiu tanto e a tal ponto que, atualmente, devemos render homenagens ao magrinho imortal do nosso jornalismo. O que ele fez para tornar a notícia em parâmetro da verdade pela verdade sem retoques, mostranos agora, a dimensão da tarefa executada por ele em prol da imprensa: no Piauí e no Brasil. Imprensa de um modo geral. Significando comunicação de massa.

Não esqueçamos, porém, que, Alberoni Lemos Filho, morto ainda no esplendor da vida porque estava no meio-século de existência, foi um dos mais ativos participantes e militantes da imprensa alternativa piauiense. Caracterizado por uma posição de editorialista renovador, polêmico e independente.

Nós que estivemos ao lado do companheiro sucumbido pelos desígnios do Pai Onipotente, lembramos episódios do guerreiro do autêntico jornalismo piauiense, como aquele em que um dia, no *batente* da Rádio Pioneira de Teresina,

ainda sem inspiração para escrever seus inigualáveis textos, solicitou-nos licença para escrever um comentário esportivo. E, de maneira súbita e empolgadora, ei-lo feito crítico de futebol. Por esse lúcido momento lúdico, onde o futebol extravasou os sentimentos de Alberoni Lemos Filho, a saga dos Lemos, desde o velho *Semana*, contagiou-nos para sempre. Até o instante em que tivemos a desastrosa notícia da morte do magrinho sem peias e portador de uma das mais invejáveis inteligências que passaram pelo jornalismo piauiense e, reconhecidamente, em nível nacional.

O vazio no jornalismo está difícil para existir conformação entre os amigos que fizeram amizade com o companheiro vitimado pelo destino inexorável. Razão de não entendermos como a sorte foi madrastra para os Lemos que, no desfilar de tantos anos que poderíamos acreditar bonanzosos, perdeu o seu mais ilustre representante na sociedade, enfoque principal da cultura piauiense.

JORNAL DE MARIM 26/07/90

45

VENHA CONHECER ESTE PARAÍSO



HOTEL FAZENDA HARÉM

**MAIS DO QUE UM HOTEL - MELHOR DO QUE UMA FAZENDA
KM 19 - BR-316 - SENTIDO TIMON - CAXIAS (MA)
FONE (086) 221 7397**

IMPRENSA DO PIAUÍ PERDE UM TALENTO

RAIMUNDO CAZÉ

Benedito Reis

A morte do jornalista Alberoni Lemos Filho representa neste exato momento em que a imprensa piauiense se moderniza, com seus equipamentos cada vez mais sofisticados, o fechamento de uma “escola” por onde a quase totalidade dos que fazem a comunicação diária passou em Teresina, recebendo aqui e ali, uma correção qual-



Alberoni: um mestre na reportagem investigativa, sempre com um texto universal e enxuto.

quer, pois ele esteve, em todas as redações, dando muito de sua vivência com o dia-a-dia dos fatos.

Alberoni Lemos não tinha estilo próprio de redação. Seu texto era universal, “enxuto”, capaz de retratar em apenas 15 linhas o que muitos não conseguiram expressar em duas laudas. Como editoria-lista era impecável. Na reportagem era investigativo e detalhista.

O jornalismo piauiense já estava vivendo sem Alberoni há algum tempo, porque ele não se amoldava mais a certo tipo de informação. Como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, ele não vivia à cata de notícias nas redações locais. Mantinha bom relacionamento com os companheiros de profissão, fazendo o intercâmbio tão salutar a troca de informações locais com o que seu órgão pautava.

Ele tinha todo um jeito especial para indagar a um colega sobre determinado assunto de relevância. “Você tem maiores detalhes sobre o piauiense que foi encontrado morto numa favela do Rio de Janeiro?” Quando ele fazia esse tipo de inda-

gação a um repórter de polícia, com certeza estava querendo ajudar ao companheiro com aquilo que já estava no seu texto.

Às vezes ele se socorria dos colegas, mas nunca para suprir deficiência em seu próprio trabalho. Era correspondente de um jornal que não se ocupa de futilidades. Alberoni levou para o túmulo um arquivo que só a memória dos colegas se encarregará de reproduzir, ao longo do tempo, pois muitos de seus textos não foram publicados. Seu corpo frágil não carregou o peso da cumplicidade porque sempre teve coragem de publicar a realidade dos fatos, muitas vezes enfrentando incompreensões e conveniências dos veículos de comunicação locais.

O jornalista que deixa o convívio dos colegas não viveu de outra coisa a não ser a sua profissão. Nunca foi simpático a nenhum governo, porque com todos foi implacável, embora mentendo uma linha de coerência invejável, seguida por poucos. Não deixou inimigos nem vítimas de sua caneta, mas tão somente uma brilhante passagem pela profissão que abraçou.

ALBERONI LEMOS FILHO



NOTÍCIAS DE JORNAIS

47



48

"Ajudei a fundar este jornal, sofri muito, com o Helder, para tirá-lo diariamente. Mais ainda sofreram anônimos operários, que faziam quase milagres para a circulação não se interromper. Sofreram autoridades que, para visitar nosso simulacro de redação, precisavam, não raro, contornar jumentos e cargas de farinha postados junto à porta do jornal, que funcionava junto ao Mercado Central".

.....

Isso faz 26 anos. O jornal *O Estado* foi inaugurado no dia 25 de março de 1970. Lutou, construiu um prédio próprio e cresceu. Cresceu tanto a ponto de incomodar e trazer para si perseguições e retaliações. Mas, os que apostaram no fechamento do jornal, estão vendo que a sua história é de combate e resistência, porque formada por profissionais como Alberoni Lemos Filho, que nunca se renderam diante das dificuldades apresentadas. É em memória de homens como ele, por exemplo, que *O Estado* continuará na luta, custe o que custar.

.....

O ESTADO

AV. CENTENÁRIO, 1200 - AEROPORTO - FONE (086) 225 2300 - FAX (086) 214 2566
CEP: 64.008-700 - TERESINA - PIAUÍ - PIAUÍ*

FALECIMENTO DE ALBERONI

Aos 45 anos, morreu ontem, às 3:15 da manhã, o jornalista Alberoni Borges Lemos Filho ou simplesmente Alberoni, como ele costumava assinar a sua tradicional *Coluna por todos*, que publicou durante muito tempo na imprensa piauiense, principalmente em *O Estado*, onde trabalhou em diversas oportunidades.

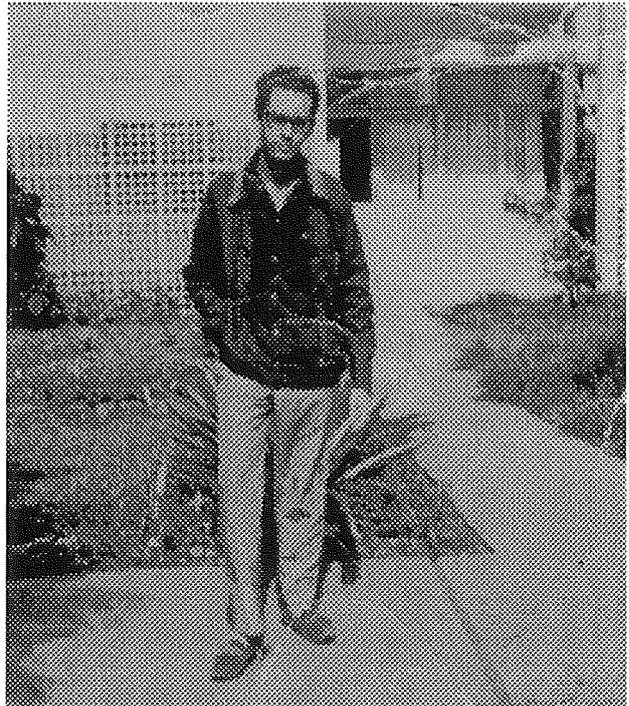
Neto e filho de jornalista, Alberoni aprendeu a dedilhar uma máquina de escrever e a mexer com os tipos ainda criança, quando jornal era feito com muito mais sacrifício do que hoje, onde havia um verdadeiro corpo a corpo entre jornalistas e gráficos, que chegavam a se confundir para fazer chegar ao povo o mínimo de informação.

E foi exatamente neste ambiente que Alberoni aprendeu a trabalhar com a notícia. E aprendeu muito bem, transformando-se num criterioso profissional, zelo no trato da informação, honesto e seguro nas colocações que fazia, fiel aos fatos e amante incondicional da verdade, incapaz de ferir deliberadamente as pessoas, mas duro e até mesmo implacável contra os desonestos e incorretos com a coisa pública.

Talentoso, modesto e simples, possuidor de um texto limpo, claro, direto, sem meias palavras e de fácil interpretação, apesar de um vasto vocabulário, mas sempre utilizado de modo a se comunicar da maneira mais fácil com o menos letrado leitor.

Percorreu quase todas as redações do Piauí, com inúmeras passagens por *O Estado*, inclusive quando ainda dávamos os primeiros passos e quando editou, ao lado de outros bons profissionais da terra, *O Estado Interessante*, um suplemento que marcou época na imprensa da terra. Sua última passagem por este jornal não faz muito tempo e por isto mesmo aqui ele sempre foi considerado de casa.

Arquivo Maria José Lemos



Alberoni: Jornalista morre e companheiros choram sua falta

Foi o primeiro editor do *Jornal da Manhã*, onde demorou pouco tempo, nos primeiros momentos, mas para onde depois voltou, como costumava fazer em todos os jornais por onde passava. Era correspondente há quase duas décadas de *O Estado de São Paulo* e textos publicados em vários órgãos da chamada grande imprensa do país, numa demonstração que seu talento não era reconhecido apenas aqui, sua terra natal.

Alberoni deixa viúva Maria José Lemos, professora, com quatro filhos. Três filhas e um filho que leva seu nome. Ele foi sepultado ontem às 17:00 no cemitério São José e durante todo o dia seu corpo foi velado em sua residência, na Av. José dos Santos e Silva, com muita visitação.

MORRE O JORNALISTA ALBERONI LEMOS FILHO

Antonio Costa



Reunião de fundação do *Jornal da Manhã*: Alberoni Lemos Filho, Luiz Bello, Mário Soares, Macarrão e Lindenberg Pirajá...

O jornalista Alberoni Borges Lemos Filho, 44 anos, morreu ontem às três horas da manhã vítima de câncer. Ele era correspondente de *O Estado de São Paulo* e havia trabalhado em quase todos os jornais de Teresina. O seu corpo foi velado na sua residência, situada na Av. José dos Santos e Silva, no centro, durante todo o dia de ontem, quando compareceram amigos, familiares e colegas de redação, que prestaram as suas últimas homenagens ao jornalista reconhecido como o melhor texto do Estado.

Alberoni Lemos, cujo pai foi um grande jornalista da década

de 50, nasceu predestinado para a profissão. Há vários meses ele estava com a doença, tendo inclusive viajado para São Paulo onde fez uma cirurgia na garganta. Recentemente esteve internado no Hospital São Marcos, de onde saiu para morrer em sua residência ao lado dos seus familiares. Sobre a vida de Alberoni, como profissional, vários de seus antigos colegas deram alguns depoimentos. Ele foi, juntamente com Carlos Said, Arimatéia Moreira, Antônio Costa, Mauro Jr. e o falecido Paulo de Tarso Moraes, o fundador do *Jornal da Manhã*, quando foi também o seu

primeiro editor. Veja o que os amigos falaram de Alberoni:

Albert Piauí - Era o melhor jornalista do melhor jornalismo do Piauí, e morre sem deixar um substituto. Era honesto e irreverente e, como eu, adorava um bar, bebidas e mulheres.

Mauro Jr. - Profissional competente e profundo conhecedor das coisas. A sua morte é uma grande perda para a imprensa, principalmente para os órgãos de comunicação do Piauí. Particularmente, sinto mais a sua morte, porque iniciamos juntos no *Jornal da Manhã*, na época da fundação do jornal".

.....

Ednaldo Vieira (Macarrão) - Conheci o Alberoni no jornal *O Dia*, era pelo ano de 71 ou 72, quando trabalhamos muito tempo juntos. Em 80, ele saiu para fundar o *JM* e me convidou. Era, reconhecidamente, um bom profissional. Acho que não aparecerá outro igual.

Arimatéia Azevedo (Secretário Municipal de Comunicação e Avaliação) - Só tenho a lamentar.

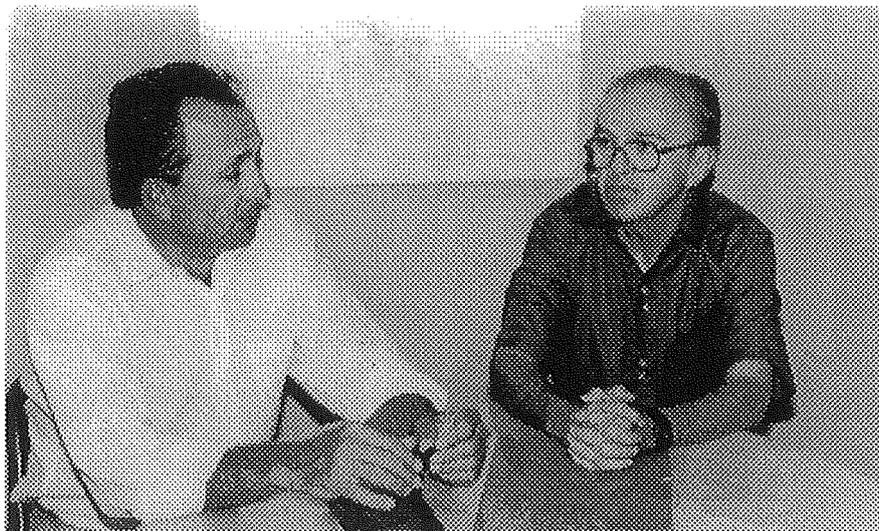
A imprensa do Piauí perde não o mais puro, mas o mais importante e honesto jornalista das últimas duas décadas. O Alberoni sempre foi como um espelho para os jornalistas iniciantes.

Heráclito Fortes - O prefeito Heráclito Fortes, em telegrama enviado ontem à família de Alberoni Lemos, afirmou que ele prestou relevantes serviços a esta cidade, com sua privilegiada inte-

ligência e conduta profissional. Com a sua morte, a imprensa do Piauí perde uma de suas mais brilhantes expressões.

Antônio Costa - Comecei a trabalhar com o Alberoni no jornal *O Estado*. Ele praticamente redigia o jornal todo porque o Helder não tinha uma grande equipe. Como pessoa era ótimo e como profissional melhor ainda.

JORNAL DA MANHÃ 26/07/90



Deputado Paulo Eudes ouvindo com atenção os ensinamentos do professor Wall Ferraz.

LIÇÕES DE UM MESTRE

Aprendi a conhecer e admirar o Alberoni Lemos Filho através do reconhecimento que dele fazia o professor Wall Ferraz, outro que era impetuoso, sincero e justo.

Alberoni defendia os humildes, não perdoava as injustiças, e praticava o autêntico jornalismo, aquele que serve, educa e informa o leitor.

Nesta homenagem que se presta ao Alberoni Lemos Filho, quero associar-me aos familiares, amigos e admiradores na saudade dos seus seis anos de afastamento do nosso convívio.

Paulo Eudes Carneiro - Deputado Estadual/PSDB

.....



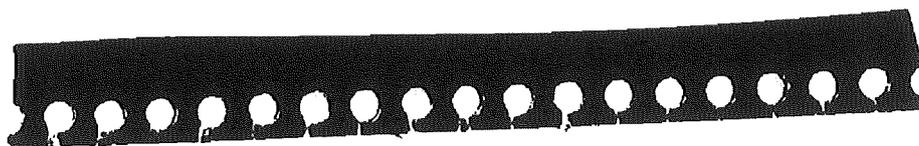
A Rádio Pioneira tem como orgulho a equipe de profissionais que nela trabalha.

No momento em que se presta homenagens ao saudoso Alberoni Lemos Filho, temos a dizer que, com sabedoria e humildade, ele abrilhantou os nossos quadros, deixando exemplos que ainda hoje são seguidos dentro do nosso grupo por serem aulas do mais puro jornalismo.

A Direção

Rua 24 de Janeiro, 150 - Sul - Centro
Fones: (086) 222 8121 - 222 8274 - 222 1991 - Fax: (086) 222 8122
CEP: 64.001-230 - Teresina - Piauí

ALBERONI LEMOS FILHO



PERFIL





Ética, Humildade e Honradez

54

A Câmara dos Vereadores de Teresina une-se aos jornalistas piauienses nesta homenagem que prestam ao Alberoni Lemos Filho, reconhecido por todos como um dos maiores profissionais da comunicação piauiense. Alberoni Lemos Filho nos legou exemplos de ética, humildade, honradez e destemor no exercício profissional. Defensor dos menos favorecidos, era um crítico mordaz do autoritarismo.

Aos jornalistas piauienses e à família do Alberoni Lemos Filho o nosso respeito e admiração pela causa que ele abraçou em vida.

Djalma Filho

Presidente da Câmara dos Vereadores de Teresina

PERFIL INACABADO DE UM JORNALISTA IMPOSSÍVEL

ALBERONI NETO

Arquivo Maria José Lemos



Alberoni Lemos Filho (de óculos) entre Dídimo de Castro (esquerda) e Geraldo Borges (direita) e de frente para Pires de Sabóia.

Alberoni Borges de Lemos Filho, filho de Alberoni Borges de Lemos e Irene Andrade Lemos, nasceu no dia 10 de outubro de 1945, na casa de seus pais situada na rua Arlindo Nogueira 244-Sul, em Teresina-Pi.

Alberoni Filho teve uma educação rígida. Foi interno no Colégio Pedro II, passou pelo Diocesano e terminou seus estudos no Liceu Piauiense.

Neto de Antônio Lemos (Semana) e filho de Alberoni Lemos, grandes jornalistas piauienses, aos 17 anos Alberoni Filho inicia-se na profissão trabalhando no jornal *Folha da Manhã*.

Mudou-se para Brasília onde trabalhou com grandes jornalistas, como Ivaldo Medeiros (da *Agência Universal*), Sebastião Fernandes (reporter do *JB* e da *Agência Universal de Notícias*), Frenando César Mesquita, dentre outros. Depois foi para Aragaças em Goiás ser professor de português.

Em 1969 retorna à Teresina e trabalha ajudando seu pai, então correspondente do jornal *O Estado de São Paulo* e do *JB*. Neste ano recebe convite para trabalhar na *Rádio Pioneira* e no jornal *O Dia*. É chamado para fundar o jornal *O Estado* ao lado de Venelouis Pereira Xavier, Helder Feitosa e Miguel Cavalcante. O jornal circula pela primeira vez no dia 15 de março de 1970.

Alberoni filho foi redator na *Rádio Poneira*, *Rádio Clube* e *Rádio Difusora*. Correspondente da *Veja*. Ajudou a fundar os jornais *Diário do Piauí*, *Correio do Piauí*, *Jornal da Manhã* e *O Estado*.

Em 1971 casou-se com Maria José Lemos, com quem teve 4 filhos: Ana Valéria, Alberoni Neto, Virgínia e Irene.

Em 1972 seu pai lhe passa a correspondência do *Estadão*, onde trabalhou até sua morte, no dia 25 de julho de 1990, vítima de câncer.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

Em julho de 1968, em Porto Alegre, foi promovido o XII Congresso Nacional de Jornalistas. A representação do Sindicato dos Jornalistas esteve composta, entre outros, por José de Araújo Mesquita, Rodrigues Filho, Deoclécio Dantas, Alberoni Lemos, Paulo José e A. Tito Filho, cabendo a este último a presidência da Grande Comissão, de que faziam parte projetados nomes da imprensa nacional, como Danton Jobim, Gampagnolle e Edmundo Segismundo. Tema principal: o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. A escolha para relator coube ao professor A. Tito Filho. Eis o Código de Ética aprovado na época, em sua versão original.

1) A missão do jornalista é comunicar à coletividade os fatos que podem, de qualquer maneira, interessá-la;

2) A verdade é o conteúdo fundamental da missão jornalística;

3) O jornalista é normalmente responsável por tudo quanto divulga;

4) O jornalista tem compromisso indeclinável com a comunidade;

5) O jornalista deve ser imparcial;

6) Deve lutar pela liberdade de pensamento, de expressão e pelo livre exercício da profissão;

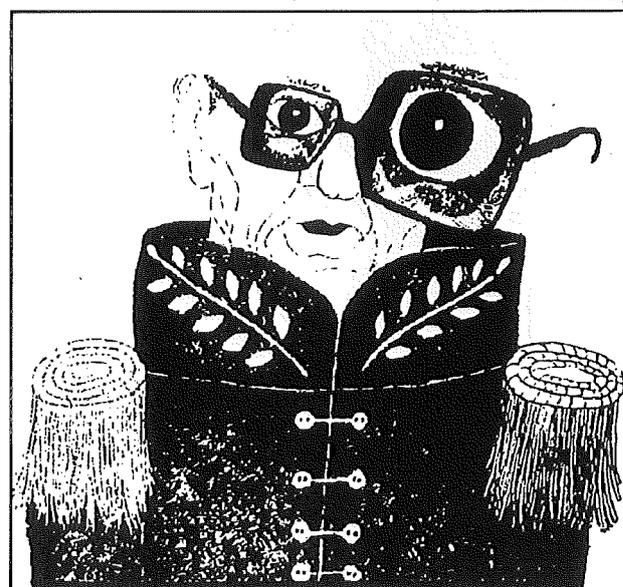
7) Deve pugnar pela soberania nacional em seus aspectos políticos, econômicos e sociais;

8) A língua e a cultura nacionais devem ser preservadas pelo jornalista;

9) O jornalista deve valorizar, honrar e dignificar a profissão;

10) A oferta de trabalho, o preço vil, a deslealdade, a prevenção ideológica para com os companheiros, a covardia no exercício da sua união, a submissão a forças que distorçam a verdade, o uso do poder de divulgação para atender a interesses escusos e contrários aos da comunidade são atos condenáveis;

11) O jornalista deve resguardar, sempre que necessário, as suas fontes de informação;



A. Tito Filho: relator do Código de Ética do Jornalismo Brasileiro.

12) Frustrar a manifestação de opiniões divergentes, impedir o debate sereno e usar o insulto é entrar e corromper o exercício da profissão;

13) O jornalista deve evitar a divulgação de fatos com interesse sensacionalista e mórbido, que tripudiem sobre valores humanos;

14) Deve esforçar-se para aprimorar os seus conhecimentos técnico-profissionais, sua cultura e sua formação moral;

15) A fidelidade à empresa a que serve não deve prejudicar a observância a estes princípios.

.....

CÓDIGO DE ÉTICA (ATUAL) DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

O Congresso Nacional dos Jornalistas, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas, em setembro de 1985, no Rio de Janeiro, aprova o presente Código de Ética, que fixa normas a que deverá subordinar-se a atuação do profissional nas suas relações com a comunidade.

I - DO DIREITO À INFORMAÇÃO

Art. 1º - O acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse.

Art. 2º - A divulgação da informação, precisa e correta, é dever dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade.

Art. 3º - A informação divulgada pelos meios de comunicação pública se pautará pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo.

Art. 4º - A prestação de informações pelas instituições públicas, privadas e particulares, cujas atividades produzam efeito na vida em sociedade, é uma obrigação social.

Art. 5º - A obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação e a aplicação de censura ou autocensura são um direito contra a sociedade.

II - DA CONDUTA PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Art. 6º - O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e finalidade pública, subordinada ao presente Código de Ética.

Art. 7º - O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.

Art. 8º - Sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e identidade das suas fontes de informação.

Art. 9º - É dever do jornalista:

- a) divulgar todos os fatos que sejam de interesse público;
- b) lutar pela liberdade de pensamento e expressão;
- c) defender o livre exercício da profissão;
- d) valorizar, honrar e dignificar a profissão;

e) opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem;

f) combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercida com o objetivo de controlar a informação;

g) respeitar o direito à privacidade do cidadão;

h) prestigiar as entidades representativas e democráticas da categoria.

Art. 10 - O jornalista não pode:

a) aceitar oferta de trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial da categoria ou coma a tabela fixada pela sua entidade de classe;

b) submeter-se a diretrizes contrárias à divulgação correta da informação;

c) frustrar a manifestação de opiniões divergentes ou impedir o livre debate;

d) concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual;

e) exercer cobertura jornalística, pelo órgão em que trabalha, em instituições públicas e privadas onde seja funcionário, assessor ou empregado.

III - DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA

Art. 11 - O Jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros.

Art. 12 - Em todos os seus direitos e responsabilidades, o jornalista terá apoio e respaldo das entidades representativas da categoria.

Art. 13 - O jornalista deve evitar a divulgação de fatos:

.....

.....
a) com interesse de favorecimento pessoal ou vantagens econômicas;

b) de caráter mórbido e contrário aos valores humanos.

Art. 14 - O jornalista deve:

a) ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, todas as pessoas, objeto de acusações não comprovadas, feitas por terceiros e não suficientemente demonstradas ou verificadas;

b) tratar com respeito a todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar.

Art. 15 - O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorporações.

Art. 16 - O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos políticos, econômicos e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias.

Art. 17 - O jornalista deve preservar a língua e a cultura nacionais.

IV - APLICAÇÃO DO CÓDIGO DE ÉTICA

Art. 18 - As transgressões ao presente Código de Ética serão apuradas e apreciadas pela Comissão de Ética.

Parágrafo Primeiro - A Comissão de Ética será eleita em Assembléia Geral da categoria, por voto secreto, especialmente convocada para este fim.

Parágrafo Segundo - A Comissão de Ética terá cinco membros, com mandato coincidente com a diretoria do Sindicato.

Art. 19 - Os jornalistas que descumprirem o presente Código de Ética ficam sujeitos gradativamente às seguintes penalidades, a serem aplicadas pela Comissão de Ética:

a) aos associados do Sindicato, de observação, advertência, suspensão e exclusão do quadro social do Sindicato;

b) aos não associados, de observação, advertência pública, impedimento temporário e impedimento definitivo de ingresso no quadro social do Sindicato.

Parágrafo único - As penas máximas (exclusão do quadro social, para os sindicalizados, e impedimento definitivo de ingresso no quadro social, para os não sindicalizados), só poderão ser aplicadas após prévio referendo da Assembléia Geral especialmente convocada para este fim.

Art. 20 - Por iniciativa de qualquer cidadão, jornalista ou não, ou instituição atingido, poderá ser dirigida representação escrita e identificada à Comissão de Ética, para que seja apurada a existência de transgressão cometida por jornalista.

Art. 21 - Recebida a representação, a Comissão de Ética decidirá sua aceitação fundamentada ou, se notadamente incabível, determinará seu arquivamento, tornando pública a decisão, se necessário.

Art. 22 - A aplicação da penalidade deve ser precedida de prévia audiência do jornalista, objeto de representação, sob pena de nulidade.

Parágrafo Primeiro - A audiência deve ser convocada por escrito, pela Comissão de Ética, mediante sistema que comprove o recebimento da respectiva notificação, e realizar-se-á no prazo de 10 dias a contar da data de vencimento do mesmo.

Parágrafo Segundo - O jornalista poderá apresentar resposta escrita no prazo do parágrafo anterior ou apresentar suas razões oralmente, no ato da audiência.

Parágrafo Terceiro - A não observância, pelo jornalista, dos prazos previstos neste artigo, implica a aceitação dos termos da representação.

Art. 23 - Havendo ou não resposta, a Comissão de Ética encaminhará sua decisão às partes envolvidas, no prazo mínimo de 10 dias, a contar do recebimento da notificação.

Art. 24 - Os jornalistas atingidos pelas penas de advertência e suspensão podem recorrer à Assembléia Geral, no prazo máximo de 10 dias corridos, a contar do recebimento da notificação.

Parágrafo Único - Fica assegurado ao autor da representação o direito de recorrer à Assembléia Geral, no prazo máximo de 10 dias, a contar do recebimento da notificação, caso não concorde com a decisão da Comissão de Ética.

Art. 25 - A notória intenção de prejudicar o jornalista, manifesta em caso de representação sem o necessário fundamento, será objeto de censura pública contra o seu autor.

Art. 26 - O presente Código de Ética entrará em vigor após homologação em Assembléia Geral de Jornalistas, especialmente convocada para este fim.

Art. 27 - Qualquer modificação neste Código somente poderá ser feita em Congresso Nacional de Jornalistas, mediante proposição subscrita no mínimo por 10 delegações representantes de Sindicatos de Jornalistas.

.....